



Universidade de Aveiro
2017

Departamento de Educação e Psicologia

**RENILDES CARDOSO VELOSO BULLYING EM CONTEXTO ESCOLAR: UM
ESTUDO EM ESCOLAS DA CIDADE DE
JANAÚBA, MG, BRASIL**



Universidade de Aveiro
2017

Departamento de Educação e Psicologia

RENILDES CARDOSO VELOSO **BULLYING EM CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO EM ESCOLAS DA CIDADE DE JANAÚBA, MG, BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, na especialidade de Administração e Políticas Educativas, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves, Professora Auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro.

o júri

Presidente

Professor Doutor António Neto-Mendes
Professor Associado da Universidade de Aveiro

Professor Doutor Armando Paulo Ferreira Loureiro
Professor Auxiliar da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Professor Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves
Professor auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Primeiramente, agradeço a **Deus**, por ser a fonte inesgotável de vida! A Ele tributo toda a honra, toda Glória e todo o louvor!

À minha família, especialmente a meus pais, **João Cardoso e Maria Ribeiro**, exemplo de caráter e perseverança.

Ao **Robson Veloso**, meu esposo, pelo incentivo nos momentos de desânimo. Aos meus filhos **Rafael, Renan e Robert**, por serem presentes de Deus em minha vida.

A orientadora deste trabalho, Professora **Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves** que mesmo à distância conseguiu me incentivar e apoiar.

Ao Professor **Doutor Antônio Neto Mendes**, pela amizade e carinho que sempre dedicou aos mestrandos brasileiros.

Aos colegas de mestrado, **Luciane, Joelma, Aline, Nair, Francisleide e Edmar** pela amizade e companheirismo.

As amigas e irmãs **Jacqueline, Rosilene e Rosilmar** pelas orações e apoio.

Agradeço aos estudantes que participaram deste trabalho, gestores e professores que apoiaram, na esperança de que sejamos úteis na construção de um futuro mais reflexivo e, portanto, melhor!

palavras-chave

Bullying, cyberbullying, estudantes, agressores, vítimas, espectadores.

Resumo

O presente trabalho propõe-se a investigar o fenômeno do *bullying* como violência nas relações interpessoais a partir das perspectivas dos próprios estudantes. Desse modo, procura-se compreender como ele ocorre, as razões para que aconteça, e ainda, o *cyberbullying*, fatos compreendidos como manifestações da violência no contexto educativo em duas escolas na cidade de Janaúba, município do Norte do Estado de Minas Gerais – MG. Pretende-se contribuir para uma reflexão crítica sobre o problema, relacionando fenômenos que podem desafiar os processos de gestão escolar e a vivência na própria escola enquanto espaço propiciador de aprendizagem, vínculos, afetos e relacionamentos interpessoais. O estudo do fenômeno data de aproximadamente 50 anos, entretanto, nas últimas décadas, tem tomado proporções importantes no contexto escolar, e sua prática envolve diversos atores: o agressor, podendo agir sozinho ou acompanhado; a vítima, aquele (a) que foge do padrão estético e comportamental imposto pelo grupo; e os espectadores, que assistem às ações dos agressores, mas não tomam qualquer atitude com medo de se tornarem a próxima vítima. O *bullying* é um fenômeno que sempre acompanhou a escola, mas que tem se tornado uma prática constante chamando a atenção dos educadores, pais e mídia no Brasil e no mundo. Este trabalho é de natureza quantitativa, com revisão bibliográfica e pesquisa de campo em duas instituições no âmbito estadual no município de Janaúba, no norte de Minas Gerais. A técnica de coleta utilizada foi o inquerito por questionários aos estudantes nas instituições selecionadas. Os resultados demonstram que a prática o *bullying* é constante no âmbito escolar nas referidas instituições, pois, 57,99% afirmaram já terem sido maltratados; 40% tiveram traumas psíquicos oriundos da vitimação, causando síndromes ou sintomas diversos. Além disso, mais de 30% responderam que maltrataram o colega de alguma forma; 31,36% ignoraram os maus tratos e 10,65% defenderam-se; mais de 40% ficam imparciais, apesar de não concordarem com o *bullying*, por medo de se tornarem a próxima vítima. Diante de tais números podemos afirmar que o *bullying* existem de fato e, em hipótese alguma, podem ser tratados como brincadeira de criança e/ou adolescente, ou serem considerados algo inerente ao seu desenvolvimento infanto-juvenil.

keywords

Bullying, cyberbullying, students, aggressors, victims, spectators.

Abstract

The present work proposes to investigate the phenomenon of *bullying* as violence in interpersonal relations from the perspectives of the students themselves. Thus, we try to understand how it occurs, the reasons for it to happen, and also, *cyberbullying*, facts understood as manifestations of violence in the educational context in two schools in the city of Janaúba, municipality of the Northern State of Minas Gerais - MG. It is intended to contribute to a critical reflection on the problem, relating phenomena that can challenge the processes of school management and the experience in the school itself as a space conducive to learning, bonds, affections and interpersonal relationships. The study of the phenomenon dates back approximately 50 years. However, in the last decades, it has taken important proportions in the school context, and its practice involves several actors: the aggressor, being able to act alone or accompanied; the victim, who escapes the aesthetic and behavioral pattern imposed by the group; and the spectators, who watch the actions of the aggressors, but do not take any action for fear of becoming the next victim. *Bullying* is a phenomenon that has always accompanied the school, but has become a constant practice drawing the attention of educators, parents and media in Brazil and in the world. This work is of a quantitative nature, with bibliographical review and field research in two institutions at the state level in the municipality of Janaúba, in the north of Minas Gerais. The collection technique used was the questionnaire survey of the students in the selected institutions. The results demonstrate that the practice of *bullying* is constant in the school environment in these institutions, because, 57.99% have already been abused; 40% had psychic traumas resulting from the victimization, causing syndromes or various symptoms. In addition, more than 30% answered that they mistreated the colleague in some way; 31.36% ignored the mistreatment and 10.65% defended themselves; more than 40 percent remain impartial, even though they do not agree to *bullying*, for fear of becoming the next victim. In face of such numbers we can affirm that *bullying* does exist and, under no circumstances, can be treated as child and / or adolescent play, or be considered something inherent to its development.

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor seria como o metal que soa ou como um címbalo que retine. Ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

I Coríntios: 13: 1, 2.

LISTAS DE SIGLAS

ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EUA – Estados Unidos da América

GEPEM – Grupo de Estudo e pesquisa de Educação Moral

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

MMS – Multimedia Messaging Service

MSN – Microsoft Service Network

PISA – Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes

PROETI – Programa de Educação em Tempo Integral

ONG – Organização não governamental

OECD - Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes

PPP – Projeto Político Pedagógico

SAVE – Sevilha *Antibullying* Escolar

SEE – Secretaria de Estado de Educação

SMAR – Síndrome de maus tratos repetitivos

SMS – Short Message Service

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização de Janaúba em Minas Gerais/ Brasil.....	48
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Identificação do gênero.....	51
Gráfico 2. Quantos bons amigos você tem em sua turma.....	52
Gráfico 3. De que maneira você tem sido maltratado desde o ano passado?.....	53
Gráfico 4. De que maneira você tem sido maltratado desde o ano passado?.....	53
Gráfico 5. Por quanto tempo duraram os maus tratos desde o ano passado?.....	54
Gráfico 6. Você costuma ser maltratado por um ou vários colegas desde o ano passado?..	55
Gráfico 7. Você costuma ser maltratado por meninos ou por meninas desde o ano pas- sado?.....	56
Gráfico 8. Como você se sentiu quando outros colegas o maltrataram desde o ano pas- sado?.....	57
Gráfico 9. O que você fez quando foi maltratado desde o ano passado?.....	58
Gráfico 10. Você contou a alguém que foi maltratado desde o ano pas- sado?.....	59
Gráfico 11. Algum dos seus professores tentou impedir que maltratasse você desde o ano passado?.....	60
Gráfico 12. Alguém de sua família falou com seus professores para que parassem de maltratar você desde o ano passado?.....	61
Gráfico 13. Algum dos seus colegas tentou impedir que o maltratassem desde o ano pas- sado?	62
Gráfico 14. Quando você viu alguém maltratar outro colega desde o ano passado 2015/2016, o que você fez?.....	63
Gráfico 15. Quando você viu alguém maltratar outro colega desde o ano passado 2015/2016, o que você fez?.....	64
Gráfico 16. Porque você acha que alguns colegas maltratam outros?.....	65
Gráfico 17. Quantas vezes você ajudou a maltratar outros colegas desde o ano pas- sado?.....	66
Gráfico 18. Quantas vezes você ajudou a maltratar outros colegas desde o ano pas- sado?.....	67
Gráfico 19. Você maltratou outro colega de alguma das formas abaixo, dede o ano pas- sado?.....	68
Gráfico 20. O que você sentiu quando maltratou outros colegas na escola desde o ano passado?.....	69
Gráfico 21. Alguém falou com você dos maus tratos que fez a outros na escola, desde o ano passado?	70
Gráfico 22. Você já teve alguma atitude ou comportamento os que a seguir se referem, para com alguma pessoa desde o ano passado?.....	71
Gráfico 23. Você já se sentiu vítima das situações que a seguir se referem, desde o ano passado?.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Atributos do <i>Cyberbullying</i>	29
Quadro 2. Sugestões para lidar com o <i>bullying</i> através de celulares.....	29

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Objetivo geral.....	16
Objetivos específicos.....	16
1 Bullying.....	17
1.1 Conceito de <i>bullying</i>	17
1.2 Perfil das vítimas, dos agressores e dos espectadores ou testemunhas.....	19
1.2.1 A vítima.....	19
1.2.2 Os agressores.....	22
1.2.3 Os espectadores ou testemunhas.....	23
1.3 O <i>bullying</i> como violência escolar.....	24
2 Cyberbullying.....	27
2.1 Conceito para <i>cyberbullying</i>	27
2.2 Perfil dos agressores, das vítimas, e dos espectadores.....	30
2.2.1 Os agressores.....	30
2.2.2 A vítima e o espectador.....	31
3 Poder Público e <i>bullying/cyberbullying</i>.....	33
3.1 A atuação do poder público na prevenção do <i>bullying/cyberbullying</i>	33
3.2 A atuação da escola na prevenção do <i>bullying/cyberbullying</i>	35
3.3 Programas <i>antibullying</i> já implantados.....	39
3.4 Casos reais de <i>bullying/cyberbullying</i> e suas consequências.....	40
4 Metodologia da Investigação.....	45
4.1 Opções metodológicas: método e técnica de investigação.....	45
4.2 O instrumento utilizado.....	46
4.3 Caracterização do contexto e dos participantes.....	47
4.4 Procedimentos para aplicação do inquérito por questionário.....	49
5 Apresentação e Discussão dos Resultados.....	51
5.1 Identificação do gênero e socialização.....	51
5.2 Sobre ser maltratado por outro aluno: vítimas do <i>bullying</i>	53
5.3 Sobre os maus tratos que você viu: testemunha ou espectador.....	62
5.4 Sobre maltratar outros colegas: ser agressor.....	66
5.5 <i>Cyberbullying</i> : violência virtual.....	70
Considerações Finais.....	75
Referências.....	79
Anexo 1 Lei nº. 13.185, de 06 de novembro de 2015.....	82
Anexo 2 Lei nº. 14.651, de janeiro de 2009.....	84
Anexo 3 Questionário para estudo dos fenômenos <i>bullying/cyberbullying</i>.....	87
Anexo 4 Autorização de participação	95

Introdução

O tema da presente investigação é o *bullying* como violência escolar, o qual, embora se trate de um fenômeno bastante antigo, tem se tornado uma prática constante, chamando a atenção de educadores, pais e mídia no Brasil e no mundo. Com efeito, é preocupante o grande número das incidências de *bullying* no Brasil, conforme dados que constam do relatório do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (OECD, 2015, p. 45), dedicado ao bem-estar dos estudantes: 1 em cada 10 estudantes de 15 anos, que participaram na avaliação, tinham sido vítimas de *bullying*, nas suas diversas formas.

Assim, a realização deste trabalho tem como objetivo caracterizar o fenômeno do *bullying* em contexto escolar a partir das perspectivas dos próprios estudantes. Desse modo, procura-se compreender como ele ocorre, as razões para que aconteça, e, ainda, o *cyberbullying*, fatos compreendidos como manifestações da violência no contexto educativo. O estudo empírico, com uma metodologia quantitativa, foi realizado através do levantamento da incidência de *bullying* entre estudantes do ensino fundamental e médio em duas escolas da cidade de Janaúba, município do Norte de Minas Gerais/MG, por meio da aplicação de um inquérito por questionário.

Pretende-se contribuir para uma reflexão crítica sobre o problema, relacionando fenômenos que podem desafiar os processos de gestão escolar e a vivência na própria escola enquanto espaço propiciador de aprendizagem, vínculos, afetos e relacionamentos interpessoais.

A inquietação surge a partir do interesse em conhecer as políticas de alguns Estados do Brasil no tocante à temática apresentada. Assim, pretende-se compreender a implantação dessas políticas no âmbito educacional, suas transformações, influências e perspectivas geradas em um ambiente no qual coexistem crianças e adolescentes estabelecendo vínculos nos contextos sociais e emocionais.

Ademais, almeja-se, por meio desta pesquisa, e alertar a comunidade escolar sobre a incidência dessas práticas entre estudantes. Com isso, pretende-se incitar reflexões sobre a importância de atuação na prevenção, no diagnóstico e no

tratamento dos possíveis danos psicossociais em crianças e adolescentes, destacando a necessidade de se orientarem os estudantes e seus familiares para o enfrentamento dessa forma mais frequente de violência juvenil, o *bullying*.

Nesse sentido, espera-se criar as possibilidades para investigar os fenômenos do *bullying* e do *cyberbullying*, e os fatores que levam crianças, adolescentes e jovens a trilhar sobre os caminhos da chamada violência nas relações interpessoais entre pares. Ademais, pretende-se contribuir para que gestores e toda a comunidade escolar compreendam e posicionem-se contrariamente a esse fenômeno que, muitas vezes, é ignorado pelos educadores. Esse descaso colabora para perpetuar tal prática, que tem se tornado um dos tipos de violência escolar que mais prejudicam as crianças e, principalmente, os adolescentes, sobretudo por estarem numa fase de busca de identidade, quando precisam fazer amigos e andar em grupos para se autoafirmar.

Antes, porém, de adentrar ao tema, consideramos importante frisar que o interesse pelo tema não se deve apenas à nossa atividade profissional, mas também a fatos vivenciados pessoalmente, motivações e indagações que confluíram para a problematização e a definição do objeto de investigação.

Em meados dos anos 1970, em uma pequena escola na zona rural, meu irmão caçula sofreu fortemente na escola, com um grupo de alunos que o incomodava muito, com “brincadeiras” de mau gosto, com apelidos como “você bicudo”, “feio”, e zombando dele o tempo todo. Batiam nele, provocavam brigas, o que o deixava muito nervoso e sem condições psicológicas para concentrar-se nos estudos e aprender os conteúdos. Como a incidência dessa prática era grande, o seu processo de ensino/aprendizagem ficou comprometido, suas notas nas provas de Língua Portuguesa eram sempre ruins, deixando-o sem motivação. Depois de alguns anos de repetência, acabou por abandonar os estudos, ainda na 3ª série primária.

Anos mais tarde, já morando na cidade grande, voltou a frequentar a escola por meio da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Nesse contexto, tudo se tornou mais difícil, pois já era maior de idade, tinha de trabalhar durante o dia e estudar à noite. Conseguiu chegar apenas até a 6ª série do Ensino Fundamental, e deixou

novamente a escola. Hoje, não tem uma profissão definida, trabalha como moto boy¹, é um jovem ansioso, inseguro e com baixa autoestima

Ao deparar-me com casos como esse, reforçou-se o interesse em pesquisar os autores que abordam essa problemática e tentar elaborar uma contribuição para os educadores que não têm tempo e nem disposição para buscar esse conhecimento de forma mais científica e aprofundada aqui, no norte de Minas Gerais, e no Brasil com um todo. Dessa forma, pretendemos contribuir para que haja uma reflexão com propósito de melhoria nos relacionamentos interpessoais e, consequentemente, no processo de ensino/aprendizagem.

Diante do ponto de vista da forma de abordagem do problema, optámos pelo método quantitativo, pois, os nossos objetivos traduzem a necessidade de efetuar uma investigação de carácter extensivo, de caracterização genérica do fenómeno, através das opiniões dos estudantes. Esta análise extensiva permitir-nos-á evidenciar que existe um problema relativamente ao qual temos de gerar conhecimentos para tentar solucioná-lo no cotidiano de trabalho de diretores escolares e educadores em geral. Assim, haverá contribuições para amenizar essa problemática social que tanto nos tem incomodado.

Quanto à estrutura da dissertação, está dividida em cinco capítulos. Primeiramente, faz-se uma abordagem dos conceitos de *bullying*, e discute-se a literatura quanto ao perfil dos agressores, das vítimas e dos espectadores ou testemunhas, e essa mencionada prática como violência escolar.

No segundo capítulo, conceitua-se o *cyberbullying* como violência virtual, apresentando os contrastes entre essa forma de violência e o *bullying* tradicional. Ainda nessa secção, são caracterizados os agressores, as vítimas e os espectadores do *cyberbullying*, demonstrando que cada um tem suas características próprias, sendo de fundamental importância seu estudo.

O terceiro capítulo apresenta uma abordagem da atuação do poder público e da escola frente ao *bullying/cyberbullying*, as expectativas dos pais em relação

1 Motobói, motoboy (português brasileiro) ou estafeta (português europeu), também conhecido como motofretista (em razão do serviço de motofrete), é um profissional que utiliza motocicleta (geralmente de baixa cilindrada, de 125 a 250 cm³, para entregar e distribuir diversos tipos de objetos: pizza, fast-food, documentos, pagamentos bancários, entre outros produtos e serviços.

à escola, ressaltando, também, a atuação dessa instituição na prevenção dessas formas de violência. Ainda nesse capítulo, apresentam-se Projetos de Lei que estão em discussão nas câmaras municipais e estaduais sobre o *bullying*, muitos já deles já em vigor. Ademais, destacam-se as ações que são consideradas crimes em cada Estado brasileiro, elencando-se casos reais de *bullying/cyberbullying* e suas consequências.

No capítulo quatro, é apresentada a metodologia da investigação, com a escolha do método quantitativo, por ser adequado tendo em conta os objetivos delineados. Ademais, a técnica de recolha de informação foi o inquérito por questionário, tecendo-se uma breve caracterização do contexto social e econômico do município e dos participantes.

No quinto e último capítulo, são apresentados e discutidos os resultados obtidos na investigação. Evidenciaram-se incidências dessa prática nos contextos escolares pesquisados, o que demonstra ser o *bullying* algo constante no âmbito escolar. No entanto, com base nos mesmos resultados obtidos, verifica-se que o *cyberbullying*/violência virtual é inexpressivo dentre a população investigada.

Objetivo geral

Caracterizar, no contexto escolar, o fenômeno do *bullying* como violência nas relações interpessoais a partir das perspectivas dos estudantes.

Objetivos específicos

Caracterizar o perfil dos agressores, das vítimas, dos espectadores ou das testemunhas; obter indicadores quanto à forma e frequência dos atos de *bullying*;

Compreender as suas causas, motivações, reações e apoio sentidos pelos estudantes face ao fenômeno;

Enquanto profissional da educação, consideramos ser fundamental alertar a comunidade escolar para a incidência da prática de *bullying* entre estudantes, incitando reflexões sobre a importância de atuação na prevenção, no diagnóstico e no tratamento dos possíveis danos psicossociais em crianças e adolescentes, destacando a necessidade de se orientarem os estudantes e seus familiares para o enfrentamento dessa forma mais frequente de violência juvenil, o *bullying*.

1 *Bullying*

Este capítulo discorre sobre o conceito de *bullying*, os perfis dos agressores, das vítimas, dos espectadores ou das testemunhas, abordando essa prática como tipo de violência escolar.

1.1 Conceito de *bullying*

Ao longo de quase 50 anos, investigadores têm-se dedicado ao estudo de um fenómeno que, desde a década de 1970, recebe o nome de “*bullying*”. Segundo Fante e Prudente (2015), trata-se de um fenómeno tão antigo quanto a escola, embora apenas recentemente tenha sido estudado, quando suecos e dinamarqueses, primeiramente, começaram a demonstrar interesse pelo tema. Dan Olweus, da Universidade de *Bergen*, na Noruega, foi o pioneiro a pesquisar sobre o tema, em 1983, quando desenvolveu campanha nacional contra o *bullying*. Dessa forma, esse fenómeno é considerado como relativamente novo pelos estudiosos, tornando-se preocupação no âmbito escolar há pouco tempo.

Em Portugal, Ventura e Fante (2013) destacam o pioneirismo da Universidade do Minho nos estudos sobre o fenómeno *bullying*, ressaltando alguns principais autores (Almeida, 1999; Almeida & Del Bário, 2002; Pereira, Almeida, Valente & Mendonça, 1996; Pereira, 2002). E, no Brasil, os primeiros estudos sobre essa temática foram desenvolvidos por Cleo Fante (2002-2003); Lopes Neto & Saavedra (2003), por meio da Organização Não Governamental Abrapia.

Se recorrermos ao dicionário, encontramos que o termo “*bullying*” advém da língua inglesa “*bully*”, que significa valentão, tirano, mandão e brigão. Assim sendo, para Silva (2010), a expressão *bullying* manifesta-se em um conjunto de atitudes violentas (psicológica ou fisicamente), com carácter intencional e repetitivo, praticado por um agressor (*bully*) para intimidar e retirar do grupo aqueles que são tidos como diferentes ou intrusos, que, comumente, não conseguem se defender.

Entre as muitas formas de violência na sociedade contemporânea, o *bullying* vem ganhando evidência, e já foi definido de várias maneiras pelos autores que se debruçaram sobre o tema. Trata-se, portanto, de uma questão que tem

chamado a atenção da mídia e dos gestores e educadores em geral nos últimos anos.

Segundo Silva (2010, p.43), os personagens do *bullying* podem ser de ambos os sexos. “Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes estão associadas ao perigoso poder de liderança que em geral é obtido ou legitimado através da força física e por intenso assédio psicológico. Pode agir sozinho ou em grupo”.

De acordo com o estudo organizado por Ventura e Fante (2013), a definição de *bullying* é tida como ato de violência física e/ou psicológica que ocorre de maneira repetida, intencionalmente exercida por um indivíduo ou grupo sobre outro indivíduo ou grupo, incapazes de se defenderem, agredindo-os de tal forma que ficam intimidados, podendo afetar a segurança, a autoestima e a personalidade dos agredidos.

Ainda como afirma Silva (2010), essa prática violenta foi definida por Olweus (1993) como um comportamento composto por ações negativas de um indivíduo ou mais sobre outro repetidamente e ao longo do tempo. Nesse sentido, o autor considera *bullying* um comportamento permeado por atitudes agressivas, de forma repetida e intencional, de um indivíduo ou vários contra um, sem qualquer motivação aparente.

Para Olweus (1993 apud Pedro, p.4, 1996), o *bullying* apresenta algumas características específicas do comportamento agressivo, tais como:

Intencionalidade - crianças que apresentam comportamentos de *bullying* actuam intencionalmente, infligem injúrias e causam desconforto nas outras crianças que são mais frágil, com o objectivo de obter prestígio, respeito e, às vezes, dinheiro ou objectos de valor; Repetição - a vítima é alvo de *bullying* repetidamente podendo tal situação durar anos; Ausência de poder - a vítima não se consegue defender facilmente ou porque está em desvantagem numérica, ou porque é mais pequena do que aqueles, ou ainda, porque não é suficientemente resiliente para enfrentar a agressão que lhe está a ser infligida.

Dentro do contexto da pesquisa, torna-se importante destacar o que é afirmado por Fante (2005) sobre o fenómeno *bullying*. A autora conceitua tal fenómeno como sendo uma reação cruel intrínseca nas relações interpessoais, em que há a sobrepujança do mais forte sobre o mais fraco e que, muitas vezes,

constitui ato de diversão e prazer, denominado erroneamente de “brincadeira”, mas que na, realidade, denota o propósito de maltratar e intimidar a vítima de maneira cruel.

1.2 Perfil das vítimas, dos agressores e dos espectadores ou testemunhas

Caracterizar os atores deste fenômeno que muito dificulta as relações é de fundamental importância para se entender o processo e tentar superar uma situação de conflito. As crianças e os adolescentes podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas de acordo com sua atitude diante de situações de *bullying*.

1.2.1 A vítima

Aqueles que sofrem o *bullying*, comumente, são considerados diferentes ou “esquisitos” pelo agressor. Detêm características não enquadradas em determinado padrão estético ou de comportamento que um grupo lhes impõe, podendo ser muito gordo, magro demais, baixinho, “caxias”², “nerd”, o gago, o novato, o tímido, o crente, o negro, o careca. As diferenças apresentadas por esses sujeitos tornam-se fragilidades das quais os agressores se aproveitam para os humilhar.

Nesse sentido,

Considera-se alvo o aluno exposto, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas perpetradas por um ou mais alunos [...]. Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o *bullying*. Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa auto-estima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua auto-estima

² Em 1866, o marechal Luis Alves de Lima e Silva (1803-80), o duque de Caxias, assumiu o comando do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai. Filho, neto e irmão de militares, Luis se tornou cadete com apenas 5 anos. Já era capitão aos 20 anos e marechal-de-campo aos 40 anos. Chefe bastante exigente, mandou os comandantes para a batalha na frente das tropas. Recebeu do imperador d. Pedro II o título de duque, o maior concedido no Brasil. Virou patrono do Exército, e o Dia do Soldado é comemorado em 25 de agosto, dia de seu nascimento. *Caxias* é o nome da cidade maranhense que sediou a Balaida, vencida por ele em 1841. O comportamento exemplar do militar transformou *caxias* na palavra que serve para designar alguém que cumpre rigorosamente todas as suas tarefas.

pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos. O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. O medo, a tensão e a preocupação com sua imagem podem comprometer o desenvolvimento acadêmico, além de aumentar a ansiedade, insegurança e o conceito negativo de si mesmo. Pode evitar a escola e o convívio social, prevenindo-se contra novas agressões. Mais raramente, pode apresentar atitudes de autodestruição ou intenções suicidas ou se sentir compelido a adotar medidas drásticas, como atos de vingança, reações violentas, portar armas ou cometer suicídio. (Neto, 2005, p. 167).

De acordo com Silva (2010), existe uma grande diferença entre brincadeiras “naturais” e saudáveis - aquelas nas quais todos se divertem - e as que são cruéis e desrespeitosas para com o outro. Entretanto, quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem, a suposta brincadeira adquire uma conotação bem diversa de um divertimento, podendo ser considerada um ato de perversidade, que inflige dor e tristeza.

Torna-se importante refletir sobre esses atos, pois muitos adultos, até mesmo educadores, defendem, com saudosismo, que na sua época não existia *bullying*, o que havia era apenas brincadeira de crianças e adolescentes, e que tal conduta não apresentava problema algum. Porém, não se pode mais negar que o *bullying* não é uma brincadeira, pois apenas um lado se diverte com o sofrimento do outro.

Não existe um perfil específico para ser vítima de *bullying*. A vítima pode ser escolhida entre seus pares, entre seus iguais, sem um motivo real que possa justificar a perversidade dos ataques. Qualquer um pode tornar-se vítima, estar sujeito a receber conteúdos indesejáveis, deparar-se com montagens grotescas, com artilharia de agressões verbais e, até mesmo, físicas.

Apesar dessa aleatoriedade em relação ao alvo de *bullying*, comumente as vítimas mais frequentes podem ser assim classificadas:

Vítimas típicas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral são tímidas ou reservadas, e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra elas. Normalmente são frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhos ou magras demais, alta ou baixa demais; usam óculos; são “Caxias”, deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz um pouco mais destacados; usam

roupas fora da moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes [...] enfim, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha de uma vítima do *bullying*. Os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis (Silva, 2010, pp.37-38).

Em conformidade com a definição de Boulton e Smith (1994), citados por Carvalhosa, Lima e Matos (2001), o agressor é aquele que, frequentemente, implica com os outros, ou que lhes bate que lhe causa sofrimento sem razão. A vítima, por sua vez, é alguém com quem frequentemente implicam ou que é agredida, alvo de sofreguidão sem uma boa razão. Verifica-se, também, que as vítimas típicas são mais depressivas do que outros alunos.

Para Ventura e Fante (2013), apesar de todas as características típicas das vítimas de fragilidade física e emocional e de introversão, existem, também, as vítimas provocadoras. São os agressores/vítimas, que se caracterizam por ansiedade, agressividade, hiperatividade, comportamentos turbulentos e dificuldade de concentração. Mesmo sendo relativamente frágeis, sentem prazer em desafiar colegas mais velhos ou fisicamente mais fortes. Gostam e sentem necessidade de retaliar quando percebem que estão sendo objeto de insultos ou de ataque, e, geralmente, tornam-se vítimas dessa ousadia.

O *bullying* não é somente um problema na área educacional, ele tem se tornado um problema de saúde pública. Em estudos realizados por Neto (2005), foram levantados os principais sinais e sintomas possíveis de serem observados em alunos alvos de *bullying*, como:

Enurese noturna, alterações do sono, cefaleia, dor epigástrica, desmaios, vômitos, dores em extremidades, paralisias, hiperventilação, queixas visuais, síndrome do intestino irritável, anorexia, bulimia, isolamento, tentativas de suicídio, irritabilidade, agressividade, ansiedade, perda de memória, histeria, depressão, pânico, relatos de medo, resistência em ir à escola, demonstrações de tristeza, insegurança por estar na escola, mau rendimento escolar, atos deliberados de auto-agressão (Neto, 2005, p. 169).

De acordo com Neto (2005), alvos, autores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais de curto e longo prazo, causando dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais. Evidentemente, as crianças e

adolescentes não são acometidas de maneira uniforme, existindo uma relação direta com a frequência, a duração e a intensidade dos atos de *bullying*.

As vítimas, após sofrerem constantemente com intimidações, agressões, suportando de maneira silenciosa todo tipo de frustração por não conseguir superar essa situação, muitas vezes acabam por tomar atitudes impensadas, que podem passar pelo desejo de vingança contra seus agressores ou em dar fim à própria vida para se libertar da opressão que sofrem.

1.2.2 Os agressores

De acordo com Silva (2010), os agressores (*bullies*) no ambiente escolar manifestam-se, no início do processo de *bullying*, por meio de algumas atitudes simples, mas que, depois, tendem a piorar:

Começam com brincadeiras de mau gosto, que rapidamente evoluem para gozações, risos provocativos, hostis e desdenhosos. Colocam apelidos pejorativos ridicularizantes como explícito propósito maldoso. Insultam, difamam, ameaçam, constrangem e menosprezam alguns alunos. Fazem ameaças diretas ou indiretas, dão ordem, dominam ou subjagam seus pares. Perturbam e intimidam, utilizando de empurrões, puxadas de cabelo ou de roupas. Estão sempre se envolvendo, de forma direta ou velada, em desentendimentos e discussões entre alunos, ou entre alunos e professores. Pegam materiais escolares, dinheiro, lanches e quaisquer pertences de outros estudantes, sem consentimento ou até mesmo sob coação (Silva, 2010, p.50).

Os agressores, segundo Ventura e Fante (2013), apresentam um grau de personalidade forte, padrão de reação agressivo e força física (principalmente entre os meninos). Têm atitudes mais positivas relativamente à violência, são impulsivos e apresentam grande necessidade de dominar outros. Possuem, também, maior propensão do que os não agressores para se tornarem delinquentes e criminosos.

Neto (2005) qualifica as práticas de maus tratos físicos, de explosões emocionais e da afirmação do poder dos pais em um relacionamento familiar pobre como condição familiar adversa. Trata-se de um fator favorecedor do desenvolvimento da agressividade nas crianças, aliado ao excesso de tolerância ou à permissividade excessiva.

1.2.3. Os espectadores ou testemunhas

Conforme Silva (2010), os espectadores são aqueles estudantes que assistem às ações dos agressores, mas não tomam qualquer atitude em favor da vítima por medo de se tornarem o próximo alvo. Os espectadores podem ser divididos em três grupos distintos:

Espectadores passivos - Em geral, os espectadores passivos assumem essa postura por medo absoluto de tornarem a próxima vítima. Recebem ameaças explícitas ou veladas do tipo: “fique na sua, do contrário a gente vai atrás de você”. Eles não concordam e até repelem as atitudes dos *bullies*; no entanto ficam de mãos atadas para tomar qualquer atitude em defesa das vítimas. [...] Espectadores ativos – Estão inclusos neste grupo os alunos que apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam “apoio moral” aos agressores, como risadas e palavras de incentivo. Não se envolvem diretamente, mas não significa que deixam de se divertir com o que vêem. É importante ressaltar que misturados aos espectadores podemos encontrar os verdadeiros articuladores dos ataques, perfeitamente “camuflados” de bons moços. [...] Espectadores neutros – Dentre eles, podemos perceber os alunos que por uma questão sociocultural (advindos de lares desestruturados ou de comunidades em que a violência faz parte do cotidiano), não demonstraram sensibilidade pelas situações de *bullying* que presenciam. Eles são acometidos por uma “anestesia emocional”, em função do próprio contexto social no qual estão inseridos. [...] a omissão só faz alimentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de *bullying* (Silva, 2010, pp. 45-46).

Para Neto (2005), os espectadores transmitem uma falsa tranquilidade aos adultos, pois se calam diante dos fatos, por medo de serem a próxima vítima, por não saberem como agir e por desacreditarem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos.

Percebe-se, em Lopes (2010), que os espectadores, mesmo não sofrendo as agressões diretamente, sentem-se inseguros com o medo de se transformarem em alvo para o agressor. Ademais, sentem-se, muitas vezes, incomodados, já que seu direito de aprender em um ambiente seguro e solidário foi violado, fato que pode influenciar sua capacidade de aprendizagem social e emocional.

1.3 O *bullying* como violência escolar

Devido às transformações ocorridas no mundo impulsionado pelos rápidos avanços tecnológicos e mudanças na organização da sociedade, como a saída da mulher dos lares para as longas jornadas de trabalho, vêm ocorrendo mudanças que afetam diretamente a própria educação. No interior das escolas, também ocorreram mudanças significativas, desde logo com o processo de massificação escolar. Cada vez mais, a escola tem presenciado situações de violência que antes não aconteciam ou ocorriam com pouca frequência.

Para Souza, Simão e Caetano (2014), a violência no contexto educativo é uma das principais causas do mal-estar vivido por diversos de seus atores, tornando-se um dos problemas atuais da educação contemporânea. Esse quadro de mal-estar vivenciado nas relações existentes no ambiente escolar tem dificultado o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento social e afetivo das pessoas envolvidas.

Percebem-se várias formas e modos diferentes de *bullying*. Nesse sentido, é necessário que a comunidade escolar se organize de tal maneira que o assunto seja tratado como uma questão de saúde pública, pois as vítimas normalmente sofrem caladas e chegam a atos extremos contra a própria vida, por se julgarem inferiores e pouco capazes de encontrar uma solução de enfrentamento dessa situação.

De acordo com Fante (2010), o *bullying* envolve todos os estudantes, seja como vítimas, autores ou espectadores. E tal fato prejudica sobremaneira o ambiente escolar, comprometendo a construção da cidadania, da solidariedade e da dignidade humana. Ademais, os seus efeitos podem perdurar para além do período acadêmico.

De acordo com Tognetta e Bozza (2013), o *bullying* acontece de inúmeras formas. Essa prática transita da questão emocional, psicológica, e chega até às agressões físicas, com o simples intuito de inferiorizar a vítima, deixando o agressor como o mandante, o que detém o poder sobre o indivíduo ou o grupo que é agredido. Dessa maneira, as manifestações violentas dentro das escolas

se intensificaram nos últimos tempos, levando educadores, pais e alunos a buscar ajuda fora do contexto escolar no intuito de superar esse problema.

Segundo Went, Campos e Lisboa (2010), a escola sofre uma violência que não se pode atribuir somente a ela. Essa violência sobrevém de outros sistemas sociais, o que implica diretamente o aperfeiçoamento e a eficácia das intervenções.

De acordo com Silva (2010), uma das tragédias mais emblemáticas e com fim trágico ocorreu nos EUA, em 1999 no colégio *Columbine High School*, onde os estudantes Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17, assassinaram 12 estudantes e um professor. A dupla ainda feriu 20 pessoas e se suicidou em seguida. A motivação para o ataque seria vingança pela exclusão sofrida na escola durante muitos anos, fato que pode ser comparado às 13 vítimas de uma escola em Realengo, no Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2011.

Neste contexto, estamos diante um problema claramente escolar, não se trata de violência gerada noutros “subsistemas” sociais. Mas sim, na escola massificada que temos atualmente, podemos nos indagar, até que ponto se atende à diversidade de alunos presentes nas escolas?

Em conformidade com Alves (2016) que aponta as questões da indisciplina, violência e *bullying* na escola, como inseparáveis das tendências das últimas décadas no sentido do crescimento e diversificação dos públicos escolares e, por conseguinte, das reflexões em torno dos modos de organização e trabalho pedagógico na escola, tornando estas questões como foco da mídia e, portanto, com grande visibilidade pública.

Diante destas tendências evolutivas, evidencia-se uma tensão entre a procura em assegurar iguais oportunidades de acesso e sucesso educativos para todos.

[...] “concomitantemente, do ponto de vista pedagógico, esta tensão associa-se ao debate em torno dos modos não só de estruturação dos sistemas educativos (com diferentes vias e modalidades de ensino), mas também de trabalho pedagógico com os alunos, os quais podem assumir um carácter de uniformidade ou fazer emergir a possibilidade da diversidade, abrindo caminho a iniciativas pautadas pela preocupação com grupos específicos de alunos”. (Alves, 2016 p. 598).

2 Cyberbullying

Este capítulo trata do conceito de *cyberbullying* e do perfil dos agressores, das vítimas e dos espectadores.

2.1 Conceito de *cyberbullying*

O *cyberbullying* é um tema atual e com interesse crescente. Essa ação é praticada, principalmente, por adolescentes e jovens que incorporam a internet e as redes sociais como extensão das suas vidas sociais, muitas vezes sem a supervisão de um adulto. E essa característica contribui para agravar o problema da violência no âmbito escolar.

De acordo com Ventura e Fante (2013), a internet e os celulares tornaram-se os novos cenários para o *bullying* no contexto escolar contemporâneo, com efeito mais avassalador do que o *bullying* físico escolar. As vítimas podem sofrer e serem expostas a humilhações e difamações de forma global e com ataques permanentes.

Segundo Fante e Prudente (2015), o *cyberbullying*, também conhecido como *bullying* eletrônico, é uma expressão criada pelo canadense Bill Belsey ³diante de uma prática que eleva o perigo e os efeitos do *bullying* para um patamar onde ninguém pode se sentir seguro. Por meio dessa ação, os agressores buscam infernizar a vida das vítimas e expô-las ao vexame 24 horas por dia para usuários de *internet* do mundo inteiro.

Ventura e Fante (2015), (org. Fante e Prudente, 2015, p.28) afirmam que

Pesquisa realizada no Brasil pela ONG Plan Internacional, identificou que no ambiente virtual ocorre mais *bullying* do que no ambiente físico escolar:

³ Fundador e Presidente do Bullying.org Canada. É criador de www.bullying.org, um dos mais visitados e referidos sites da internet sobre *bullying*; do www.cyberbullying.ca, que foi o primeiro site da internet sobre *cyberbullying*; da National *Bullying Awareness Week* do Canadá (www.bullyingawarenessweek.org); e do www.bullyingcourse.com, o primeiro site da internet canadense a oferecer cursos online e seminários, através da internet (webseminars) para pais, docentes e pessoas interessadas pelo fenômeno bullying e do cyberbullying (Belsey, 2008, p. 18 apud Ventura e Fante, 2013, p. 63).

31% contra 17%. Dos 5.168 estudantes participantes da pesquisa, 17% foram vítimas de *cyberbullying*, 18% foram autores e 4% foram vítimas e autores ao mesmo tempo.

Por seu turno, Amado, Matos, Pessoa, & Jager (2009) elaboraram um contraste entre *bullying tradicional* e o *cyberbullying*, destacando que a segunda variedade, mediante as tecnologias da informação, ultrapassa as fronteiras do tempo, podendo manter a ofensa infinitamente presente no espaço virtual. O *cyberbullying* assenta, portanto, não no domínio pela força física, mas noutras fontes de poder associadas à competência e a outras vantagens no domínio das tecnologias, o que acrescenta novas facetas ao perfil dos agressores e das vítimas.

Para Gonçalves, Pimentel e Pereira (2014), o *cyberbullying* é um tipo de *bullying* indireto. Mesmo sendo uma prática idêntica às outras, o recurso da tecnologia permite aumentar o anonimato do agressor e disseminar o mal-estar em grande escala. Enquanto o *bullying* limita-se a um local específico de convivência, o *cyberbullying* atinge grande dimensão de internautas, podendo atravessar fronteiras.

Ventura e Fante (2013) levam-nos a refletir sobre o quanto a internet e os celulares tornaram-se os novos cenários para o *bullying* neste século, com consequências mais prejudiciais do que o *bullying* que ocorre no espaço escolar. Ademais, indagam, também, sobre quanto as vítimas podem sofrer ataques permanentes e serem expostas às humilhações e difamações de forma global.

De acordo com Amado et al. (2009), no tocante à questão do *cyberbullying*, estamos diante de um fenômeno sem rosto, pois os agentes agressores criam a possibilidade de nem se quer tomarem consciência das consequências dos seus atos sobre as vítimas. Tal característica confirma a expressão de Oliveira (2008), que traduz o *cyberbullying* como “um fenômeno sem rosto”, corroborando, também, o velho ditado popular “longe da vista, longe do coração”.

Para Ventura e Fante (2013), as novas tecnologias de informação e comunicação constituem um veículo com grande potencial para se exercer a intimidação ou a violência. Como em todos os casos que envolvem a tecnologia, o problema tem a ver com o uso que se faz dela por pessoas mal-intencionadas. Assim,

a tecnologia não deve ser demonizada, pois não é, de fato, o foco do problema em questão.

O agressor pode ficar no anônimo.
 O agressor pode fazer-se passar por outra pessoa.
 As intimidações podem ocorrer em todo o lado, a toda hora, visto que o ciberespaço está em todo o lado e em todo momento.
 As intimidações podem assumir muitas formas no ambiente do ciberespaço.
 É limitada a capacidade para disseminação instantânea de palavras e imagens.

Quadro 1. Atributos do *Cyberbullying*.

Fonte: Ventura e Fante (2013).

Conforme Ventura e Fante (2015), a Organização Não Governamental inglesa *Beatbullying* e a empresa *The Carphone Warehouse* apresentam sugestões para lidar com o *bullying* por meio dos celulares de forma precavida.

- Guarde os textos, imagens, sons e filmes que lhe sejam enviados. Podem vir a ter necessidade de apresentar evidências dos conteúdos e de identificar quem lhes enviou.
- Se não quiser falar com um adulto, fale com alguém em quem você confie, mostre os conteúdos, conte sobre os telefonemas e peça ajuda para, em conjunto, em que adulto pode confiar suficientemente para relatar o ocorrido.
- É ilegal enviar mensagens ameaçadoras ou fazer telefonemas intimidatórios. Considere a hipótese de dar parte do ocorrido à polícia.
- Tenha os contatos de todos os seus amigos e familiares na agenda do seu celular. Se não reconhecer um número ou se o número se quer for identificado, não atenda a chamada.
- Nunca responda nem reencaminhe uma mensagem abusiva.
- Se receber mensagens ou telefonemas abusivos e intimidatórios, a sua operadora de celular pode ajudá-lo a mudar o número. Os pais devem assumir a responsabilidade de tomar medidas necessárias para reduzir o risco de assédio virtual. Para isso devem orientar os filhos na utilização do celular, bem como acompanhar dentro do possível seu uso. As crianças e adolescentes deverão ter cuidado relativamente às pessoas a quem dão o respectivo número de celular e também registrar data e horário em que receberam algum telefonema ou alguma mensagem (SMS, MMS, mensagem de voz ou e-mail) com caráter ofensivo, de forma a precaverem uma possível manutenção ou escalada dos ataques. Para, além disso, esses telefonemas ou essas mensagens terão que ser guardados.

Quadro 2. Sugestões para lidar com o *bullying* através de celulares.

Fonte: Ventura e Fante (2015) (org. Fante e Prudente, 2015, pp.31-32).

2.2 Perfil dos agressores, das vítimas, e dos espectadores

Quando se fala em *cyberbullying*, costuma-se pensar que existem apenas dois atores: a vítima e o agressor, mas ainda há um terceiro envolvido: o espectador. Cada um tem suas características próprias, sendo indispensável o seu estudo pela importância do papel que o espectador desenvolve nesse cenário.

2.2.1 Os agressores

Conforme Gonçalves et. al. (2014), o agressor ocupa seu tempo livre para manifestar sua agressividade, sua não aceitação e sua intolerância contra um modelo particular que se estabelece como padrão de pessoas por meio da internet. Mas esse não é um comportamento individual, é uma diversão exercida em grupo com traços de violência. Em geral, o comportamento é atribuído a gangues, denotando uma ação organizada para atingir uma atividade considerada lúdica, socialmente malvista. Portanto, essas atividades se fazem às escondidas, mas no esforço para seu resultado ser visível a todos.

Segundo Matos e Gomes (2012) a tendência para irritar e exasperar os outros é amplificada pela natureza específica dos meios tecnológicos. Com um grande nível de anonimato por parte do agressor, reduz-se a inibição, reforça-se o poder do *cyberbullying* e amplia-se o sentimento de fraqueza por parte da vítima, que se sente perseguida em todo o tempo e por todo o lado. Além disso, agrava-se a situação de violência, pois a difusão da agressão pode ser efetuada em escala mundial sem que o agressor tenha de enfrentar diretamente o impacto do seu comportamento.

Nesse mesmo sentido, alguns aspectos relevantes e característicos são apontados por Souza et al. (2014), como o anonimato dos agressores que a internet e outras Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) podem proporcionar. Como se já não bastassem os infortúnios da difamação a seu respeito, a vítima também encontrará em seu caminho alguns desafios peculiares das novas

tecnologias, pois o mundo virtual permite ao agressor sentir-se menos inibido e, ao mesmo tempo, dificilmente ser responsabilizado por suas ações.

2.2.2 A vítima e o espectador

A vítima é aquele aluno que é diferente em algum aspecto do restante da turma, seja por características físicas ou comportamentais. É um alvo fácil por ser tímido e retraído, e sofre muito quando é agredido. O agressor, por outro lado, é empoderado e popular, humilha e deprecia o outro, não se importando com o sofrimento alheio. E o espectador, à sua vez, quase nunca é reconhecido como personagem da agressão, porém é de fundamental importância para a continuidade do conflito. Diante de situações de *bullying*, não repassa recados e tem medo de se tornar alvo das agressões.

Segundo Souza et al. (2014), as investigações sobre esse tema ainda se encontram numa fase inicial, embora tendam a aumentar devido ao crescente uso dos dispositivos eletrônicos móveis. As pesquisas sobre o *cyberbullying* são incipientes e se traduzem, por um lado, num grande e comum estado de hesitação perante os casos e, por outro, na sensação de que, para intervir eficazmente, ainda há muito que se aprender e experimentar.

Conforme explica Santomauro (2010), os adolescentes, ao entrarem nesta fase da vida, têm a necessidade de pertencer a um grupo. Nesse momento da juventude, basta sair um pouco do padrão estipulado pela turma (alto, baixo, gordo, magro) para ser provocado. Foi o que aconteceu com alguns adolescentes da Escola Municipal Fernando Tude de Souza, no Rio de Janeiro:

Ana, 13 anos, que contou sua história via MSN (...) as meninas de sua sala enviam mensagens depreciativas, com apelidos maldosos e recados humilhantes, para amigos comuns. Os qualificativos mais leves são "nojenta, nerd e lésbica". Outros textos dizem: "Você deveria parar de falar com aquela piranha" e "A emo já mudou sua cabeça, hein? Vá pro inferno". Ana, é claro, fica arrasada. "Uso preto, ouço rock e pinto o cabelo, curto coisas diferentes e falo de outros assuntos". Por isso, não me aceitam. Antônio, 12 anos, também foi vítima de agressões pelo celular. Há dois meses, ele recebe mensagens de meninas, como "ou você fica comigo ou espalho pra todo mundo que você gosta de homem". Os amigos o pressionam para ceder ao assédio e, como diz a coordenadora pedagógica, além de lidar

com as provocações das meninas, ele tem de se justificar com os outros garotos (Santomauro, 2010, pp.6-7).

O empoderamento do sujeito que pratica o *cyberbullying* é muito grande, pois, muitas vezes, consegue ficar no anonimato reproduzindo práticas de assédio virtual e submetendo suas vítimas ao infortúnio da difamação. Conforme Faustino e Oliveira (2008), o efeito do *cyberbullying* sobre as vítimas é indeterminado, pois costuma ser proporcional à representação que fazem de si mesmas (Gonçales et al., 2014).

Segundo Amado et al. (2009), os especialistas advertem que as abordagens eficazes para combater o *cyberbullying* devem estar direcionadas em diferentes domínios e em públicos diversos. Não se deve restringir o uso das TIC, pelo contrário, pois defendem que a tecnologia, em si, não constitui o problema. A questão é o mau uso que dela se faz.

Nota-se, também, que a escola e a sociedade vêm sofrendo com a mutação de valores a que se tem assistido.

Algumas reações possíveis por parte das vítimas são as seguintes:

Adolescentes que foram agredidos correm o risco de se tornarem adultos ansiosos, depressivos ou violentos, reproduzindo em seus relacionamentos sociais aqueles vividos no ambiente escolar. Se sentem incapazes de se livrar do *cyberbullying*. Por serem calados ou sensíveis. Outros até concordam com a agressão. [...] “Se sou gorda, porque vou dizer o contrário? ” Aqueles que conseguem reagir alternam momentos de ansiedade e agressividade. Para mostrar que não é covarde ou quando percebe que seus agressores ficaram impunes, a vítima pode escolher outras pessoas mais indefesas e passam a provocá-las, tornando-se alvo e agressor ao mesmo tempo (Santomauro, 2010, p. 3).

3 Poder Público e *Bullying/Cyberbullying*

3.1 A atuação do poder público na prevenção do *bullying/cyberbullying*

Os graus de violência do *bullying* são muito amplos, uma vez que as condutas são muito diversas. E, para combater tais ações e impulsionar políticas públicas, alguns Estados e municípios brasileiros foram pioneiros na promulgação de leis direcionadas a essa temática.

De acordo com a Lei nº. 14.651, de 12 de janeiro de 2009 do Governo do Estado de Santa Catarina, em seu Art. 3º, as ações praticadas pelo *bullying* são classificadas em:

- I - verbal: apelidar, xingar, insultar;
- II - moral: difamar, disseminar rumores, caluniar;
- III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- IV - psicológico: ignorar, excluir, perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, tyrannizar, chantagear e manipular;
- V - material: destroçar, estragar, furtar, roubar os pertences;
- VI - físico: empurrar, socar, chutar, beliscar, bater; e
- VII - virtual: divulgar imagens, criar comunidades, enviar mensagens, Invadir a privacidade.

Nesse sentido, vale ressaltar que vários Estados do Brasil já discutem leis *antibullying*. “Os primeiros estados brasileiros a aprovarem uma Lei sobre *bullying* foram Paraíba e Santa Catarina. Também há lei em vigor em Pernambuco, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Amapá, Rio Grande do Sul” (Ventura e Fante, 2013, p. 44).

De acordo com Neto (2005), o envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de redução do *bullying*. O enfrentamento da situação pelas testemunhas demonstra aos autores que as vítimas não terão o apoio do grupo às vezes por medo, às vezes por não saberem como enfrentar tais episódios.

Segundo Chalita (2008) apud. Lopes (2010), o contexto escolar é de suma importância para a vida do indivíduo. Por isso, cabe às autoridades escolares estabelecerem parcerias para a criação e a aplicação de políticas públicas voltadas para o combate aos tipos de *bullying*, buscando promover a conscientização de

toda a população estudantil e dos demais envolvidos no contexto, com ênfase ao saudável convívio social.

Em outros países, a exemplo de Portugal, as propostas de leis que visam a inibir a incidência de *bullying* escolar possuem punições mais severas, inclusive equiparadas às de violência doméstica.

Segundo a proposta de lei apresentada pelo Governo no que se refere aos crimes relativos à violência escolar, esta prevê penas até dez anos, e são aplicadas a alunos com mais de 16 anos. Em conformidade à prática de *bullying*, os familiares dos alunos que são acusados desta prática poderão ser penalizados pelos atos dos seus educandos. Neste momento o crime de violência escolar encontra-se no mesmo nível penal no que se concerne à da violência doméstica e maus-tratos (Sampaio, 2011). A lei aplicada em nível do *bullying* é a estipulada pela Lei Tutelar Educativa em relação aos menores, assim como o Estatuto do Aluno também o contempla (Ferreira, 2013, p.17).

A dificuldade de lidar com o *bullying* no âmbito do Direito diz respeito à possibilidade de a vítima identificar seus agressores e constituir provas para tal crime, que, em sua maioria, configura-se como injúria:

O *bullying* é uma prática reiterada ao longo do tempo, ou seja, não se trata de uma prática de desrespeito única, mas um conjunto delas, que tem como objetivo uma pessoa em específico. Os meios para se levar a inferiorização podem ser os mais diversos, como agressões físicas e/ou psíquicas. Devido à ampla gama de ações possíveis, o *bullying* pode ser confundido com outras práticas de inferiorização ou mesmo com crimes. Porém, há de se verificar nesse caso a intenção do agente que é cometer o *bullying* e não um crime. Exemplificando: uma criança que rouba, extorque e agride fisicamente outra criança no âmbito escolar, com o objetivo de inferiorizar, diminuir moralmente a outra criança, comete a conduta de *bullying*, que é mais gravosa do que apenas cometer essas ações isoladamente sem o objetivo de inferiorização (Salgado, 2015. p. 4).

No Brasil, existem muitos casos de *bullying* ou *cyberbullying*, mas a maioria das vítimas encontra-se no anonimato por medo, vergonha e até mesmo decepção por não haver culpados. Em muitos casos, a não criminalização tem deixado uma sensação de impunidade por parte dos agressores frente ao poder público, que tem de se envolver, de fato, com o tema e agir legalmente conforme as agressões recebidas pelas vítimas.

O desconhecimento sobre o fenômeno *bullying* por parte dos formadores e a falta de legislação têm levado a altos índices de envolvidos em casos dessa prática violenta no Brasil. Somente no final de 2015, foi sancionada, pela então Presidenta Dilma Rousseff, a Lei 13.185, que institui o programa de combate ao *bullying* e passa a vigorar a partir do início do ano letivo subsequente em todas as escolas brasileiras. Dessa forma, o *bullying* não mais poderá ser tratado simplesmente como uma “implicância entre adolescentes” ou “brincadeira de crianças”.

Essa lei prevê, também, que os estabelecimentos de ensino promovam medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática, o *bullying*, ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais da comunidade escolar. Tais condutas estão previstas na lei e são passíveis de pena, com validade, inclusive, para o meio virtual (*cyberbullying*), incluindo quaisquer atitudes com o intuito de criar constrangimento psicológico ou social que resultem em sofrimento ou ofensa.

Diante disso, é importante que a vítima do *bullying/cyberbullying* preste queixa nas delegacias especializadas ou que procure a delegacia mais próxima, registre a queixa para que as providências devidas sejam tomadas. Nesse momento, o importante é que a vítima não se sinta sozinha, que tenha conhecimento dos seus direitos para que se sinta segura e se mantenha em paz.

3.2 A atuação da escola na prevenção do *bullying/cyberbullying*

Quando se envia o filho para a escola, os pais ou responsáveis o fazem com grandes expectativas por acreditarem que lá seus filhos estarão em segurança. Assim, espera-se que:

[...] as escolas sejam ambientes seguros e saudáveis, nos quais crianças e adolescentes possam desenvolver ao máximo os seus potenciais intelectuais e sociais, ou seja, um lugar sem violências que não lhes tragam danos físicos e/ou psicológicos, nem que testemunhem esses fatos e se calem para que não sejam também agredidas e acabem por achá-los banais ou, pior ainda, que diante da tolerância e omissão dos adultos, adotem comportamentos agressivos (Paula, 2008, p. 32 apud Lopes, 2010).

É papel da escola orientar os educadores a identificar, em sala de aula e nas dependências da escola, os casos de agressões que configurem ou não *bullying* ou *cyberbullying*. Tal medida é necessária para traçar estratégias de diálogo entre os pais e alunos, para solucionar o conflito em tempo hábil, de modo a não prejudicar o perfil psicológico de ambos, agressor e vítima.

Ainda com relação à escola, é preciso conscientizar-se de que esse conflito relacional já é considerado um problema de saúde pública. Portanto, é necessário desenvolver um olhar mais atento por parte dos professores e demais funcionários da instituição de ensino para que o *bullying* ou *cyberbullying*, não se tornem uma rotina dentro do espaço escolar.

Sendo assim, é fundamental atentar-se para os sinais de violência, procurando neutralizá-los, dando segurança às vítimas e transformando os espectadores em principais aliados. Além disso, é preciso tomar algumas iniciativas preventivas, como: aumentar a supervisão na hora dos intervalos; evitar, em sala de aula, o menosprezo e o uso de apelidos pejorativos; não permitir a rejeição de alunos por qualquer motivo; promover debates sobre as várias formas de violência, ressaltando a importância do respeito mútuo e da afetividade como base das relações humanas.

Dessa forma, Fante (2005) defende que o primeiro passo para se criarem estratégias *antibullying* seria a conscientização de todo o corpo docente, dos discentes e das famílias. Trata-se de um trabalho coletivo, necessário para conscientização sobre as características do fenômeno no espaço escolar e suas consequências, e constitui estratégias interessantes a serem desenvolvidas junto ao corpo discente. Em segundo lugar, é preciso assumir esse compromisso organizando reuniões, juntamente com a participação dos pais, com o objetivo de levantar estratégias e projetos direcionados ao combate do *bullying*.

Para prevenir o *bullying* e o *cyberbullying*, também é necessário que a escola invista na formação dos gestores escolares, professores (educadores), auxiliares de educação, estudantes e pais. De acordo com Ventura e Fante (2013, p. 46).

... é necessário que os gestores escolares tenham formação específica com qualidade para desempenharem um papel decisivo nas políticas e nos processos de combate ao *bullying*. [...] colocar gestores e professores, envolvidos num processo de reflexão, de diagnóstico, de sensibilização e de procura de soluções, adaptadas à realidade.

O bom professor trabalha as diferenças individuais de cada aluno, no sentido de atender a cada um:

São nessas complexidades de emoções, frustrações, carências, medos, abandonos que o educador trabalha. Não existe homogeneidade no processo educativo. Cada aluno é único, portanto diferente. Um professor, quando entra em uma sala de aula, tem de saber que ali desfilam universos muito diferentes. E tem de saber estimular cada um desses universos. Naquele espaço há pessoas com traumas, com medos, com inseguranças, há aquelas tomadas por um vulcão de emoções e problemas cujas lavas enfeiam em vez de enfeitar a vida e queimam quando deveriam aquecer. Essas diferenças não significam que o professor não seja bom. O auditório é complexo (Chalita, 2008, p.53 apud Lopes, 2010).

De acordo com Silva (2010), é mister construir já na escola a ideia de reflexão e adaptação da vida em sociedade, de respeitar desde cedo o colega de sala que se apresenta destoa dos demais, bem como todos os outros.

O fato de a escola ignorar o fenômeno *bullying* e fingir que nada está acontecendo só agrava o problema e traz à tona a falta de formação ética na instituição. Ventura e Fante (2013, p.45) advogam que “não basta dizer as pessoas para fazer. É necessário dizer-lhes como fazer. É preciso dar-lhe formação para levarem à prática as ideias. [...] No domínio da prevenção e do combate ao *bullying*, é necessário conceber e dar formação aos gestores escolares, educadores, alunos e pais”. De nada adianta um quadro fixado estampado com a missão da escola de educar para a cidadania se, em suas dependências, existem estudantes sofrendo, sendo vítimas de *bullying*.

No Estado de Minas Gerais, foi sancionada, pelo governo Fernando Pimentel, e publicada no Diário Oficial de Minas Gerais no dia 28 de julho de 2017, a Lei 22.623, para os casos de violência contra os servidores do quadro da Secretaria de Estado de Educação (SEE). Esse dispositivo legal determina a adoção de me-

didadas preventivas e combate à violência e prevê a realização de seminários e debates, com a integração ao currículo escolar do tema sobre violência no ambiente escolar e cultura de paz.

Ademais, foi criado um protocolo on-line de registros das agressões para que os gestores das escolas tomem as providências cabíveis especificadas na Lei. Essas medidas terão de ser tomadas entre três e trinta e seis horas após a ocorrência da agressão, e configuram-se como:

- Acionar a Polícia Militar, comunicando o fato ocorrido, com o devido registro por meio de boletim de ocorrência;
- Encaminhar o servidor agredido ao atendimento de saúde;
- Afastar o agressor do convívio com a vítima no ambiente escolar, possibilitando ao servidor o direito de mudar de turno ou de local de trabalho ou se afastar de suas atividades;
- Iniciar os procedimentos necessários para a caracterização de acidente de trabalho.

Esse fenômeno que vivenciamos no cotidiano de nossas escolas é reflexo do dia a dia das crianças e adolescentes em seus lares e em suas relações sociais de modo geral, das observações do comportamento dos adultos (pais, professores, etc.), que tomam como exemplo para seus comportamentos. E esses exemplos têm sobressaído nos momentos em que essas crianças e adolescentes precisam resolver os seus conflitos pessoais.

Deve aqui ressaltar, ainda, que a própria escola não atende à diversidade de jovens que a povoam, com seus diferentes interesses e muitas vezes profundamente desmotivados e desinteressados por uma escola na qual estão obrigados a estar até concluir a escolaridade obrigatória.

Para intervir nesse quadro, sabemos que é impossível prescrever receitas prontas e padronizadas, advoga Alves, (2016, p. 611) “ antecipando-se que seja benéfica a criação de espaços e tempos que constituam oportunidades de construção de conhecimento e de reflexão, no sentido de alicerçar diferentes modos de ação dos professores e outros profissionais das escolas. Isso porque os

[...] modos de habitar a escola emergem como algo que é profundamente condicionado pela ação e opções dos profissionais do estabelecimento de

ensino e pelo modo como organizam quer a gestão do estabelecimento, quer o trabalho pedagógico com os alunos, assim como pelo clima e cultura de escola subjacentes (Alves, 2013, p. 130 apud Alves, 2016, p. 611).

Neste contexto, cada comunidade escolar possa criar seus projetos e fazer o diagnóstico da situação da escola em relação ao *bullying*, observando cada caso em particular e montando estratégias de intervenções na realidade dos estudantes envolvidos, seja como agressor, vítima ou expectador, do *bullying* físico ou virtual.

3.3 Programas antibullying já implantados

Diante da grande incidência dos casos de *bullying* e *cyberbullying* nas escolas, em redes sociais e em vários setores, muitos países criaram programas com o intuito de solucionar esses conflitos ou pelo menos minimizar os atos de violência e agressões que muitos sofrem. Ventura e Fante (2013, pp. 84-85) citam exemplos de projetos arquitetados e implementados no sentido de prevenir, diagnosticar e lidar com o *bullying* nos estabelecimentos de ensino:

Projeto SAVE (Sevilha Antiviolença Escolar), Espanha. Trata-se de um projeto que combinam características típicas da investigação com um programa de prevenção, tendo por objetivo, a redução da violência nos estabelecimentos de ensino não superior. Seu foco principal é desenvolver a educação de sentimentos e valores, melhoria de convivência e dos relacionamentos interpessoais. Este programa envolveu 26 escolas, 4.914 estudantes, entre oito e dezesseis anos, situado na zona menos favorecida de Sevilha, através de uma abordagem global (Ortega & Lera, 2000, p. 115).

Projeto *Sheffield*, Inglaterra – este programa foi desenvolvido nos moldes das campanhas, realizadas na Noruega (1980), sendo implantados nos anos 1991/93. [...] O programa busca ajudar as crianças envolvidas com o *bullying*, mediante o uso de material educativo específico, “Não sofra em silêncio”. Inglês visa valorizar e incentivar a amizade, a mediação de conflitos e os estudantes são estimulados ao desenvolvimento de habilidade a de ouvir atentamente o outro, promover o respeito interpessoal, adquirir segurança em si mesmo, elevar a autoestima e desenvolver a liderança.

Projeto Kiva, Finlândia – é um programa que muitos consideram o mais desenvolvido e completo, para lidar de forma adequada e abrangente com o *bullying*. [...] Em vez de fornecer ao pessoal das escolas “princípios orientadores”, proporciona-lhes um conjunto de atividades estruturadas e apelativas, para serem desenvolvidas com os estudantes. O Programa Kiva

coloca uma ênfase muito especial no papel decisivo que os alunos que testemunham situações de *bullying* podem desempenhar, no sentido de as atenuarem ou impedirem. Para isso, o Kiva proporciona modelos para aumentar a empatia e autoeficácia e o apoio às vítimas do *bullying*. [...] de forma muito significativa para a confiança e a adesão dos professores, dos pais e dos estudantes envolvidos.

PAPE- Programa *Antibullying* Educar para a Paz, Brasil – Este programa foi elaborado a partir do programa de Dan Olweus. É um conjunto de ações que visam prevenir e intervir em situações de *bullying*. [...] O programa é desenvolvido por meio de diversas etapas: diagnóstico; sensibilização de toda a comunidade escolar; capacitação profissional continuada; intervenção, prevenção; avaliação; sustentabilidade. Seu foco está nos estudantes, que são preparados para resistir ao *bullying*, bem como para auxiliar colegas dentro e fora da sala de aula. (Ventura e Fante, 2013, pp.84-86).

Como mencionado, são apenas alguns dos programas já implantados ao redor do mundo e que já apresentam efeitos satisfatórios no combate ao *bullying* e *cyberbullying*.

3.4 Casos reais de *bullying/cyberbullying* e suas consequências

Apenas quem está vivendo *bullying* consegue ter a noção do que é dormir e acordar com tais situações em mente. Quem está fora dessa situação jamais conseguirá ter a noção do pesadelo, tal como viveu Faith Hawley, uma garota inglesa de 14 anos vítima de *bullying* na escola durante três anos. Seus colegas o atacavam de várias formas:

Verbal e física davam-lhe murros constantemente. Na situação mais dramática, quando iniciava o ensino secundário, uma colega colocou fogo em seu cabelo. O stress provocado pelas perseguições de que foi vítima, fez com que desenvolvesse um quadro clínico, resultando em perda de peso, dores de estômago, cansaço, irritabilidade e alopecia. Essa doença provoca queda dos cabelos, das sobrancelhas e das pestanas. Segundo Faith, as perseguições na escola deveram-se ao fato de ela praticar judô, de ter um cavalo e ser uma aluna brilhante, ter boas notas e fazendo sempre os trabalhos de casa. Os colegas não gostavam disso e todos a “zoavam” ou agrediam. Em virtude dessas perseguições, não ia para o recreio, nos intervalos, refugiando-se na biblioteca. Além disso, nos deslocamentos para a escola, atrasava-se, por vezes intencionalmente, para evitar encontrar os colegas que a agrediam. Atualmente, Faith estuda em casa, apoiada por educadores, para fugir ao *bullying* dos seus colegas.

Deseja ser veterinária. Usa uma peruca para não exibir a sua calvície e para recuperar a autoestima tão profundamente afetada (The Mail Online, 2008, citado por Ventura e Fante 2013, pp. 32-33).

Esse é um caso de uma vítima agressora que faz valer os velhos ditos populares “bateu levou” ou “tudo que vem tem volta”. Vejamos o depoimento de S., 17 anos:

Estudava em um colégio particular e por três anos fui zoados pelos meus colegas de turma e por outros que frequentavam a escola. Meus pais são pobres e não tinha a menor condição de arcar com as mensalidades. Lembro-me da batalha da minha mãe para arrumar uma bolsa de estudos depois de andar de escola em escola provando que eu sempre fui um aluno 100% e merecia uma chance. Quando conseguimos parecia um sonho. Sempre quis ser engenheiro e, dentro de um colégio conceituado, tudo fica mais fácil. Estudar ali se tornou um pesadelo. Meus colegas chegavam e voltavam de carrões com os seus motoristas. Eu ficava no ponto de ônibus ou voltava a pé. Passavam por mim e faziam gestos obscenos, mostravam a língua ou me mandavam “uma banana”. Na sala de aula ninguém queria conversar comigo. Eles me isolavam e faziam desenhos de mendigos, e escreviam meu nome embaixo. Isso rolava de mão em mão por todos os alunos da classe. Até hoje ouço aquelas gargalhadas ecoando na minha cabeça e os insultos. “Cai fora seu pangaré!” Vai procurar sua turma! “Eles se divertiam às minhas custas e me evitavam como se eu tivesse uma doença contagiosa”. Até que um dia não aqueci mais, estava com tanta raiva que passei a agredir os garotos e as meninas de outras turmas bem mais jovens do que eu. Perseguiu, ameaçava, e fazia um montão de coisas que eu sei que não eram legais, mas foi a única forma que encontrei para me vingar. Quanto mais eles me maltratavam, mais eu descontava nas crianças. Certa vez fiz uma bomba caseira bem grande e coloquei no banheiro masculino. Não havia ninguém por lá, todos estavam em sala de aula. Acendi o fósforo e sai rapidamente, esperando o que iria acontecer. Ouvi um estrondo maior do que eu imaginava: uma porta estourou e um dos vasos sanitários foi para os ares. Voltei para ver o estrago, afinal até eu me assustei. O diretor e os inspetores entraram e me pegaram no flagra. Fui expulso e meus sonhos foram por água abaixo. Eu só queria me impor, mostrar que não era um “babaca” qualquer (Silva, 2010, pp. 42-43).

É importante desfazer o mito de que o *bullying* é brincadeira de miúdos e que os adultos não devem se envolver. Em Portugal, a mãe de S. decidiu mudar de cidade, fez queixa na polícia e chegou a depor em tribunal por causa daquele fatídico dia em que tudo de ruim aconteceu:

S. levou um pontapé e finalmente contou à mãe o que se estava a passar. Elisa saiu de casa e foi à Escola Básica de Sobreira, em Paredes, fazer queixa. Quando voltou por volta das 17hs, a filha chorava mais ainda. “Chamou-se aflita e notei que tinha a boca e as mãos roxas”. Disse que estava a deixar de sentir as pernas. “Tinha tentado matar-se.” [...] No caixote do lixo estava duas caixas vazias de medicamento para varizes e dores musculares. No chão do quarto, o cinto que a pré-adolescente usou para tentar sufocar-se. Em cima da cabeceira uma carta: S. falava das colegas e pedia desculpa – mas assim não queria continuar a viver. (Garcia e Moura, 2014, p. 39).

No Brasil, em um caso recente, um estudante de 14 anos atirou dentro do Colégio Goyases, escola privada de Ensino Infantil e Fundamental em Goiânia (GO). Quando um caso de *bullying* acaba indo a público, uma das frases mais ouvidas dentro das escolas é “nós não sabíamos que isso acontecia aqui”. O tema é largamente discutido por educadores, mas nem sempre é suficiente para se evitar que o problema continue grave.

O exemplo mais recente aconteceu em 20 de outubro, quando um adolescente atirou em colegas e matou dois estudantes dentro do Colégio Goyases, em Goiânia. Tanto a escola como os pais do aluno que atirou e de um dos meninos que morreu afirmaram desconhecer a existência do *bullying*. Mas outros colegas deram entrevistas confirmando que o atirador era alvo de ataques. É possível que todos estejam falando a verdade. Muitos casos são escancarados entre os alunos, mas ficam longe dos olhares dos adultos. Segundo Adriana Ramos, do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Moral (Gepem), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), quando um adulto descobre o *bullying*, o aluno já sofre há pelo menos um ano e meio. Isso acontece, entre outros motivos, porque ainda há desconhecimento sobre como o *bullying* se caracteriza e também devido a minimização dos seus efeitos. Agressões verbais, desrespeito e tentativa de diminuir o outro, se isoladas, podem ser vistas pelos profissionais apenas como uma provocação momentânea, “coisa de adolescente”. Mas, infelizmente, essas atitudes podem fazer parte de um contexto maior, mais complexo e perigoso. [...] o que a comunidade escolar e as famílias podem fazer para que o *bullying* deixe de ser invisível. Mas antes, saiba: não existe

fórmula mágica. É preciso dedicação a longo prazo e atitudes em diferentes esferas. (Monteiro, 2017).

Novamente, vem à tona o quanto o ambiente escolar tem se tornado violento. Se desde a mais tenra idade, os pais e educadores não preparem seus educandos para suportarem as tempestades da vida, como o fenômeno *bullying*, seremos sucumbidos por uma avalanche de ódio, vingança, falta de amor que atingirá não só os envolvidos no fenômeno, mas toda a sociedade.

Torna-se fundamental deixar aqui o alerta aos pais e formadores de que é preciso buscar cada vez mais alargar os conhecimentos a respeito desse problema, preveni-lo e combatê-lo de forma eficaz. O *bullying* vem tirando a paz e impedindo que os espaços de ensino e aprendizagem sejam prazerosos e saudáveis para os adolescentes e jovens no momento mais importante de suas vidas, que é o momento de aprender a ser protagonista de seu aprendizado e do seu futuro.

4 Metodologia da Investigação

Este capítulo discorre acerca do método quantitativo escolhido para o desenvolvimento deste estudo, mostrando o tipo de pesquisa realizada e a abordagem adotada. Ainda nesta seção, são descritas as características das instituições e dos sujeitos investigados, os instrumentos de coleta que foram aplicados, e o tratamento de dados coletados.

4.1 Opções metodológicas: método e técnica de investigação

Esta pesquisa encontra-se orientada epistemologicamente a partir da metodologia quantitativa da ciência social empírica, que:

[...] se utiliza de métodos quantitativos (estatística) está preocupada com resultados gerais e coletivos [...] cabe destacar que quando queremos verificar principais causas de fenômenos sociais estamos assumindo que a realidade social seja multicausal e que não temos como dar conta de todas as possíveis causas de um fenômeno. [...] sendo assim, jamais se conseguirá explicar 100% da variação de um fenômeno (social ou não) de forma a dar conta de todas as variáveis que o impactam. Contudo mesmo tendo consciência desta limitação, o cientista social pode buscar respostas a partir de tentativas aproximadas (ou às vezes direta) de mensuração dos fenômenos sociais [...] (Ramos, 2013, pp. 60-61).

A metodologia escolhida é adequada, considerando o objetivo geral e objetivos específicos, orientados para uma análise extensiva do fenômeno do *bullying*. Nesse sentido, a pesquisa foi direcionada a estudantes do 7º ano ao 9º ano do ensino Fundamental II e 1º e 2º ano do Ensino Médio da Educação Básica em duas escolas do município de Janaúba/MG. Houve aplicação de um inquérito por questionário com perguntas investigativas de caracterização do perfil de vítimas, agressores e espectadores, além do levantamento de indicadores de incidência, forma, frequência, intervenções, motivações, reações e apoio na busca de se alcançar um diagnóstico da dimensão do fenômeno *bullying*.

A escolha do público-alvo se deu pelo fato de esses estudantes se encontrarem na adolescência, faixa etária de 13 a 16 anos. Trata-se, cabe destacar, do período em que mais sentem a necessidade de pertencimento a algum grupo ou de andarem em “turma” para se autoafirmar.

A técnica utilizada na recolha dos dados ocorreu por meio da aplicação de um inquérito por questionário. De acordo com Gil (2008), ela se constitui como um processo geralmente caracterizado por um número relativamente expressivo de questões disponibilizadas aos sujeitos de uma pesquisa, objetivando conhecê-los por meio de abstração de suas opiniões, anseios, interesses, expectativas, experiências etc. Para Lakatos (2007), o inquérito por questionário consiste em:

Coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia questionário ao informante, pelo correio ou por um portador, depois de preenchido o pesquisado devolve do mesmo modo (Lakatos, 2007, p. 203).

Para tanto, a pesquisa quantitativa é, pois, uma maneira de traduzir, em números, as opiniões e informações obtidas para serem classificadas e analisadas, aplicando técnicas estatísticas.

4.2 O instrumento utilizado

Devido à grande dificuldade de encontrar um questionário que contemplasse os dois temas em estudo, o *bullying* e o *cyberbullying*, foi elaborado um questionário com um propósito de atender a esta investigação já utilizado por vários autores em estudos do mesmo tema. O questionário sobre *bullying* foi construído a partir do questionário de Dan Olweus (1989) apud Santos (2010), e a parte alusiva ao *cyberbullying* advém do questionário utilizado na dissertação de mestrado de Campos (2009). O questionário (anexo 3) contém 21 questões fechadas sobre *bullying* e 02 questões também fechadas sobre *cyberbullying*. As perguntas referentes a *bullying* remetem ao envolvimento e à frequência em que o aluno foi maltratado por outro (s) aluno (s), os maus tratos que presenciou, e quando maltratou os outros. Nas questões sobre o *cyberbullying*, são inquiridos sobre suas atitudes ou comportamento, quando se sentiu vítima ou quando foi o agressor através da internet ou do celular.

Segundo Seixas, (2006) o inquérito por questionário é um instrumento de escolha de dados que utiliza a técnica do autorrelato, e é uma forma mais rápida e comumente utilizada para obter informações sobre o fenômeno. Neste caso, as

características do comportamento dos alunos são traçadas tendo por base suas próprias respostas emitidas no questionário.

4.3 Caracterização do contexto e delimitação da amostra

Janaúba é um município localizado no norte do estado de Minas Gerais, no Brasil. Tem como atividades principais, a agricultura, a pecuária, o comércio e serviços. Sua população, em julho de 2016, foi estimada em 71.279 habitantes. É a segunda cidade mais populosa do Norte de Minas e a 52ª de todo o Estado. O município possui:

74 escolas, sendo 38 escolas na zona rural e 36 escolas na zona urbana, dentre as quais 19 são escolas estaduais, 10 são escolas municipais, 4 são escolas conveniadas com a Prefeitura e 6 são escolas particulares. No ensino médio, existem 10 escolas, sendo 7 da rede estadual e 3 particulares. Possui, desde 1994, um *campus* da UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros, onde são oferecidos os cursos: Normal Superior, Pedagogia, Agronomia e Zootecnia. Já está em construção a escola técnica vinculada à UNIMONTES, obra do projeto do governo federal, Brasil Profissionalizado, na qual irão ser oferecidos diversos cursos técnicos e profissionalizantes. Nos cursos profissionalizantes, são oferecidos os cursos de: Auxiliar de Enfermagem, extensão Unimontes e Técnico em Higiene Dental, extensão da Faculdades Unidas do Norte de Minas. [...] em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 6 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 4.4. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 449 de 853. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 517 de 853. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 98.5 em 2010. Isso posicionava o município na posição 212 de 853 dentre as cidades do estado e na posição 1288 de 5570 dentre as cidades do Brasil. (IBGE, 2017).



Figura 1. Localização de Janaúba em Minas Gerais/ Brasil.

Fonte: Blog Bora Pensar

Nesse contexto, foram selecionadas duas escolas públicas da rede estadual de ensino, pertencentes à jurisdição da 44^o SRE (Superintendência Regional de Ensino), para realizar o estudo. Nesse sentido, é pertinente a consideração de Lobino (2010, p. 72) de que “Os sujeitos compõem uma amostra de diversidade representativa não no sentido estatístico, mas no que eles têm a contribuir com o problema proposto pelo estudo”.

A primeira instituição, Escola Primícias⁴, foi selecionada por ser uma das mais antiga da cidade, com uma localização privilegiada em Janaúba. É a unidade escolar que recebe estudantes, oriundos de bairros distantes e até mesmo da zona rural.

A segunda Instituição é a Escola Ecológica⁵, foi selecionada por ser uma instituição que possui menor número de turmas da jurisdição da SRE, apenas 03 (três), e apresenta o menor número de estudantes matriculados no ano de 2016.

⁴ Nome fictício.

⁵ Nome fictício.

Sua escolha ocorreu pelo fato de situar-se em um local de difícil acesso e atender a uma clientela originária de bairros periféricos, de baixo poder aquisitivo e que necessita de toda a assistência social possível.

Segundo dados do PPP (Projeto Político Pedagógico) das escolas pesquisadas, a Escola Primícias possui Ensino Fundamental II com 408 alunos, e Ensino Médio com 375 discentes, totalizando 783 estudantes matriculados, distribuídos em 15 salas de aula utilizadas. E o quadro de pessoal nessa instituição é formado por 61 servidores.

A segunda instituição, Escola Ecológica, ministra aulas nos níveis e modalidades de ensino Fundamental II (Anos Finais – 7º ano, 8º ano e 9º ano), com 03 (três) turmas no período matutino, formando um total de 74 estudantes matriculados; Programa de Educação em Tempo Integral (PROETI), com 01 (uma) turma no turno vespertino, com 25 alunos, que permanecem na escola até às 17h30min. Sua escolha ocorreu pelo fato de situar-se em um local de difícil acesso e atender a uma clientela originária de bairros periféricos, de baixo poder aquisitivo e que necessita de toda a assistência social possível. A escola oferece os anos finais do Ensino Fundamental II e o PROETI no turno vespertino. Funciona das 07h00min às 18h00min, atendendo a uma clientela de 74 alunos divididos em três turmas regulares e uma turma do PROETI. A escola atende alunos na faixa etária entre 13 e 16 anos de idade, e o Quadro de Pessoal é formado por 22 servidores.

A amostra desse estudo foi composta por 338 estudantes, todos da rede pública de ensino e matriculados nas duas mencionadas escolas da cidade de Janaúba, norte de Minas Gerais-MG.

Na primeira instituição, Escola Primícias, participaram da amostra 273 estudantes na faixa etária de 14 a 17 anos, do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II e 1º e 2º anos do Ensino Médio. Já na segunda instituição, Escola Ecológica, participaram 65 estudantes na faixa etária de 13 a 15 anos, pertencentes ao 7º ano, 8º ano e 9º ano do Ensino Fundamental II.

4.4. Procedimentos para a aplicação do inquérito por questionário

Primeiramente, o professor aplicador recebeu, além dos questionários, um texto sobre o tema, fazendo sua leitura: *"Bullying, um crime nas escolas"*, da autoria de Rabelo (2008). Esse texto adverte sobre as agressões que costumavam aparecer na adolescência e que estão sendo observadas entre crianças cada vez mais cedo. E essas práticas têm ocorrido tanto nas escolas públicas quanto nas privadas, onde os altos muros que as separam do mundo externo, no intuito de dar segurança contra os perigos "de fora", muitas vezes escondem atos ainda mais violentos cometidos do lado "de dentro", uma vez que os pais não costumam registrar as ocorrências nas delegacias.

A forma de apresentação dos questionários foi simples. Eles foram impressos em folha de papel A4 acompanhados de um cartão resposta, distribuído aos sujeitos da pesquisa.

Os questionários foram aplicados mediante a assinatura de uma autorização de participação pelos encarregados de educação (diretor ou vice-diretor), (anexo 4) e o consentimento voluntário dos jovens. A partir de então, procedeu-se à aplicação coletiva dos questionários nas instituições selecionadas.

5 Apresentação e Discussão dos Resultados

No questionário, foram selecionados os tópicos mais relevantes dos quatro eixos sobre *bullying*, todos de múltipla escolha. No primeiro tópico, temos duas questões de identificação de gênero e socialização; no segundo, onze questões sobre ser maltratado por outro aluno; o terceiro tópico abrange três questões sobre os maus tratos que o aluno presenciou; o quarto tópico, contém cinco questões sobre maltratar outros colegas; e, por fim, no último tópico, duas questões sobre *cyberbullying*, violência virtual, para saber qual a importância das novas tecnologias de comunicação na vida destes alunos. Se realmente constituem um veículo de intimidação e agressão entre pares.

5.1 Identificação do gênero e sociabilidade

Os gráficos 1 e 2 demonstram a identificação do gênero dos estudantes inquiridos, bem como a percentagem de bons amigos que eles consideram possuir, ou seja, o grau de sociabilidade entre eles.

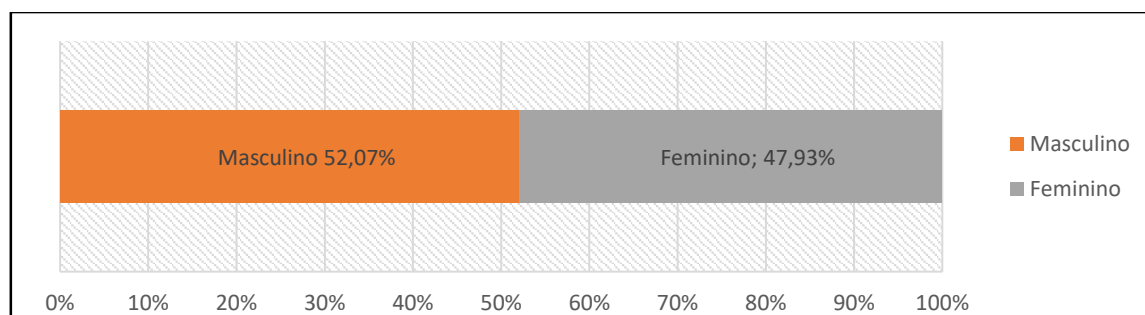


Gráfico 1. Identidade de gênero dos estudantes.

Fonte: a autora.

De acordo com esse gráfico, do total de alunos participantes da pesquisa, 52,07% são do gênero masculino e 47,93% do gênero feminino.

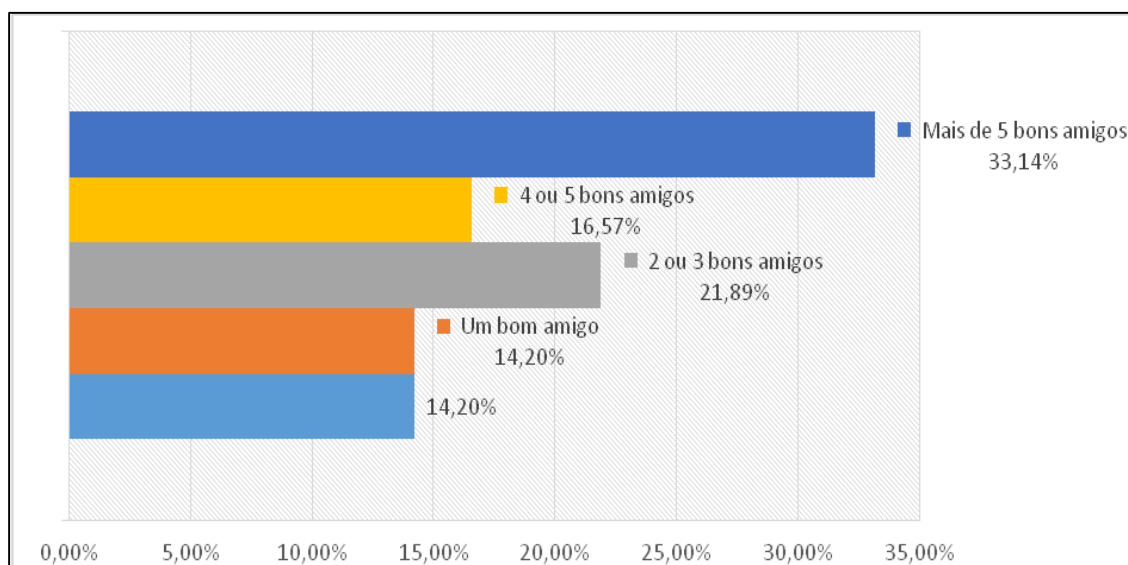


Gráfico 2. Quantos bons amigos você tem na turma?

Fonte: a autora.

Conforme o gráfico 2, podemos notar o quanto é difícil para uma boa parcela dos adolescentes neste estudo ter bons amigos ou ser um bom amigo. Dos estudantes inquiridos, 14,20% consideram não ter nenhum bom amigo; outros 14,20% responderam ter apenas um bom amigo. Na sequência, 21,89% acreditam ter entre 2 ou 3 bons amigos, 16,57% disseram ter entre 4 ou 5 bons amigos; e quase um terço (33,4%) afirmou ter mais de 5 bons amigos.

Se somarmos as porcentagens dos alunos que responderam não ter bons amigos e ter apenas um bom amigo, percebe-se que cerca de 28% estão relativamente isolados no contexto escolar. Esse aspecto é muito preocupante, e, nesse sentido, Neto (2005) afirma que as vítimas de *bullying* são pouco sociáveis, têm poucos amigos, são passivas e retraídas. Portanto, dentro da amostra analisada, 28% apresentam-se como candidatos a vítimas em potencial de *bullying*.

Quando se trata de interação social, a escola constitui-se, como já relatado por Matos, Negreiros, Simões, & Gaspar (2009) apud Costa & Pereira (2010), um dos mais importantes contextos de socialização e de sociabilidade do indivíduo. Assume-se como natural que os fatores a ela associados sejam frequentemente relacionados ao ajustamento ou desajustamento das crianças e jovens. No que diz respeito aos comportamentos antissociais, têm sido aludidos vários fatores,

nomeadamente, a fraca ligação com a escola, o fraco rendimento escolar e o fracasso escolar.

5.2 Sobre ser maltratado por outro aluno: vítimas do *bullying*

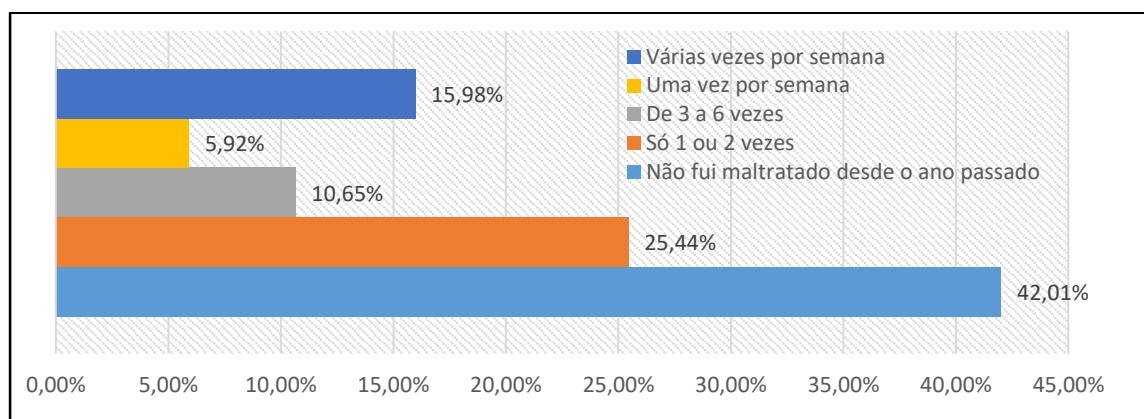


Gráfico 3. Com que frequência você tem sido maltratado por outro aluno?

Fonte: a autora.

Sobre a frequência em que ocorreram os maus tratos, mais da metade dos alunos afirmaram já terem sido maltratados, ainda que pelo menos uma vez, constituindo um índice elevadíssimo de incidência. Do total dos estudantes inquiridos, 15,98% afirmaram que foram maltratados “várias vezes por semana”, e 10,65% de “três a seis vezes”. Esses dados confirmam a afirmação de Ventura e Fante (2013) de que o *bullying* ocorre de maneira repetida.

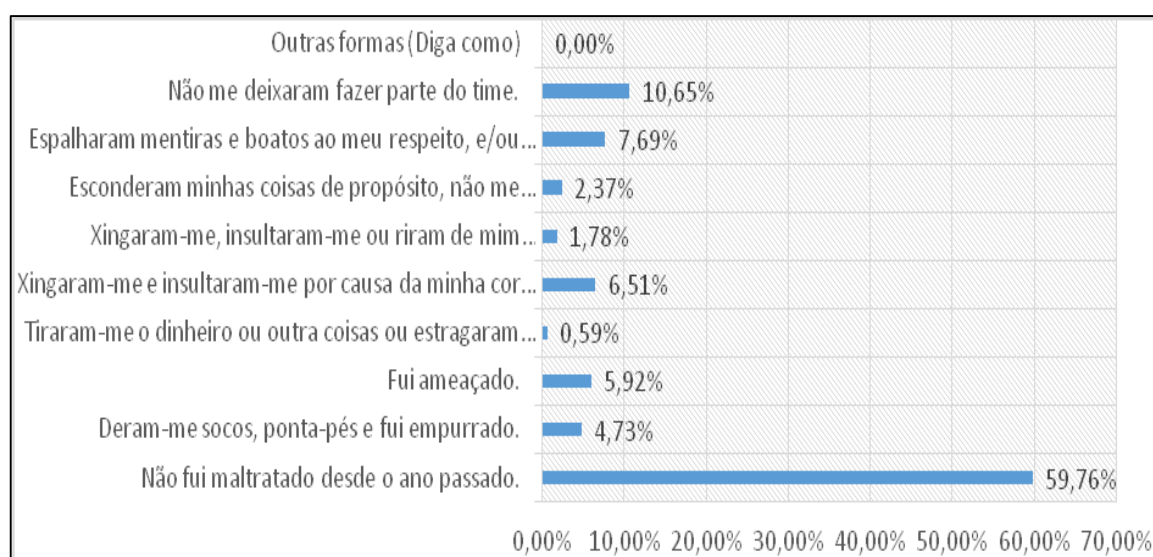


Gráfico 4. De que maneira você tem sido maltratado desde o ano passado?

Fonte: a autora.

Neste gráfico, podemos constatar que a exclusão social dos esportes coletivos e as agressões psicológicas foram os itens de maior incidência: “não me deixaram fazer parte do time”, com 10,65 %; e o item “espalhou mentiras e boatos e/ou tentaram fazer com que os outros não gostassem de mim”, com 7,69% lideraram o ranking.

Mostra que 6,51% apontaram a resposta “xingaram-me” e “insultaram-me por causa da minha cor ou raça”; e 5,92% afirmaram terem sido “ameaçados”. Esses itens de maior prevalência trazem à tona o quanto a nossa sociedade ainda é preconceituosa e quanto ainda temos a avançar no que se refere a conseguir incutir na consciência dos educandos que não se deve ser preconceituoso nem excludente por causa da cor da pele, opção sexual, religiosa, posição social etc. A escola tem esse papel social que, muitas vezes, não tem conseguido exercer.

Temos que destacar ainda que neste gráfico da maneira como foi maltratado, quase 60% afirmaram não terem sido maltratados desde o ano passado, contradizendo o gráfico anterior, com que frequência você tem sido maltratado desde o ano passado, onde apenas 42% responderam que não foram maltratados desde o ano passado. Essa contradição pode ser explicada pelo fato de que alguns alunos que foram maltratados poucas vezes (1 a 2 vezes) por semana no gráfico anterior neste gráfico marcaram que não foram maltratados, devido a baixa intensidade dos maus tratos.

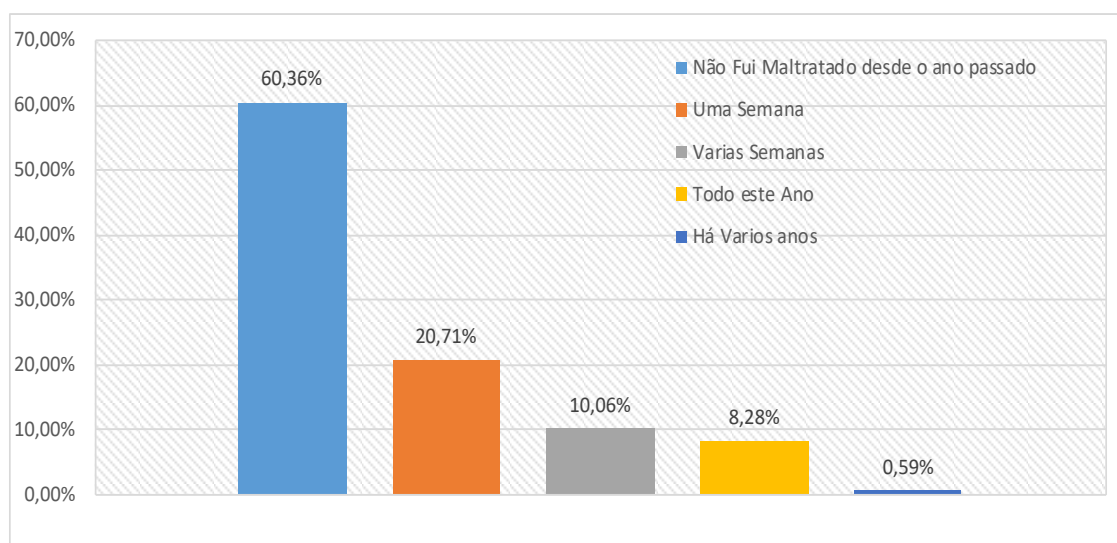


Gráfico 5. Por quanto tempo duraram os maus tratos?

Fonte: a autora.

Mais de 10% dos estudantes afirmam que os maus tratos se prolongaram por várias semanas, e mais de 8% disseram ser vítimas durante todo o ano. Conjuntamente, esses resultados indiciam, tal como os do gráfico 3, o caráter repetido, continuado das agressões, suscitando preocupação relativamente a este conjunto de alunos, indiciando claramente situações de *bullying*, de acordo com o entendimento de Ventura e Fante (2013) e Felizardo (2011), entre outros, segundo os quais o *bullying* é um ato que ocorre de forma repetida, sendo intencionalmente exercido por outro indivíduo.

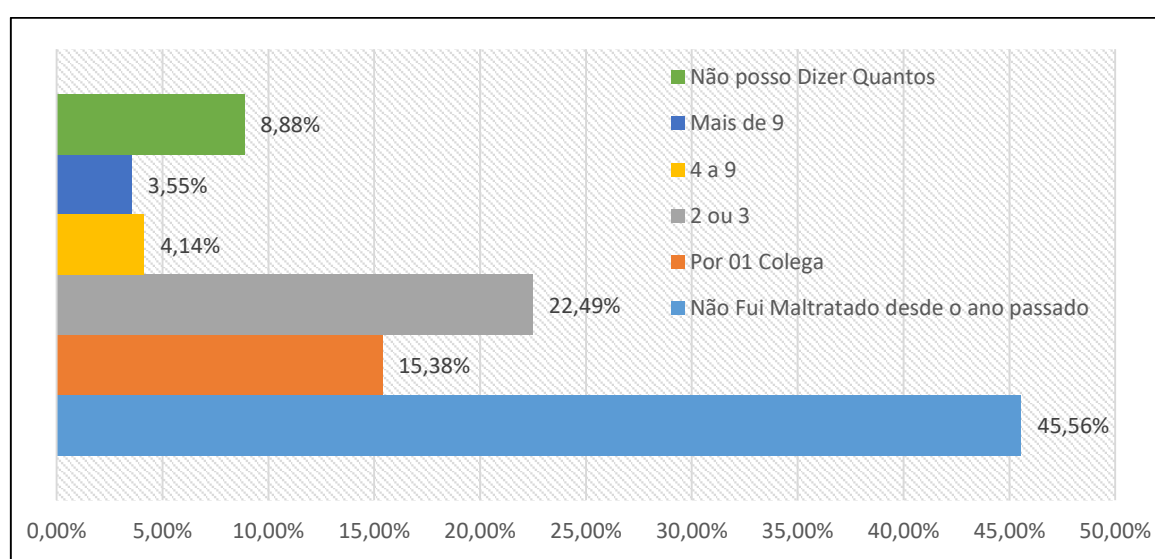


Gráfico 6. Você costuma ser maltratado por vários colegas?

Fonte: a autora.

Embora predominem as situações de agressões por parte de 1 colega, 15,38%, ou de 2 ou 3 colegas 22,49%, o fato é que cerca de 9% dos estudantes têm medo de dizer quantos são ou não conseguem identificar claramente o número de colegas envolvidos nos maus tratos. Isso também é alarmante, por indicar que existem jovens agredidos por grandes grupos de estudantes.

As vítimas, após sofrerem constantemente com intimidações, agressões, suportando de maneira silenciosa todo tipo de frustração por não conseguirem superar essa situação, muitas vezes acabam por tomar atitudes impensadas. Esses atos podem passar pelo desejo de vingança contra seus agressores ou

atitudes mais severas contra a própria vida para se libertarem da opressão que sofrem.

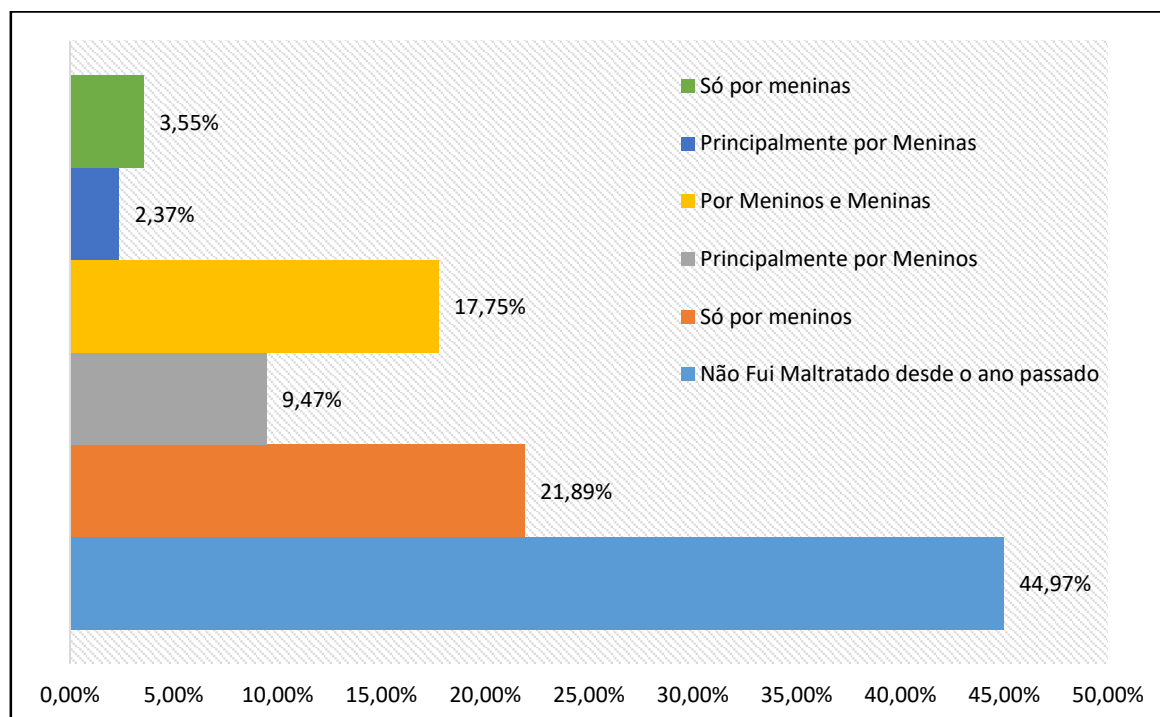


Gráfico 7. Você costuma ser maltratado por meninas ou por meninos?

Fonte: a autora.

A partir dos dados apresentados, observa-se que os agressores são mais frequentemente do sexo masculino, quando delimitado por gênero. O item “só por meninos” foi o de maior frequência, com 21,89%. A categoria “principalmente por meninos” aparece com 9,47%, e 17,75% disseram sofrer maus tratos tanto por meninos como por meninas. Desse modo, mais de 30% dos estudantes inquiridos nesta amostra afirmaram ser maltratados por meninos.

Diante desses resultados apresentados, onde maioria de indivíduos são sexo masculino e a incidência das agressões serem praticadas por meninos, podemos afirmar que existe uma tendência de prática de *bullying* pelo sexo masculino. Contrariando o que advoga Silva (2010) onde afirma que os agressores podem ser de ambos os sexos. Podem sim, não podemos ignorar os quase 6% de meninas, mas a incidência maior é do sexo masculino.

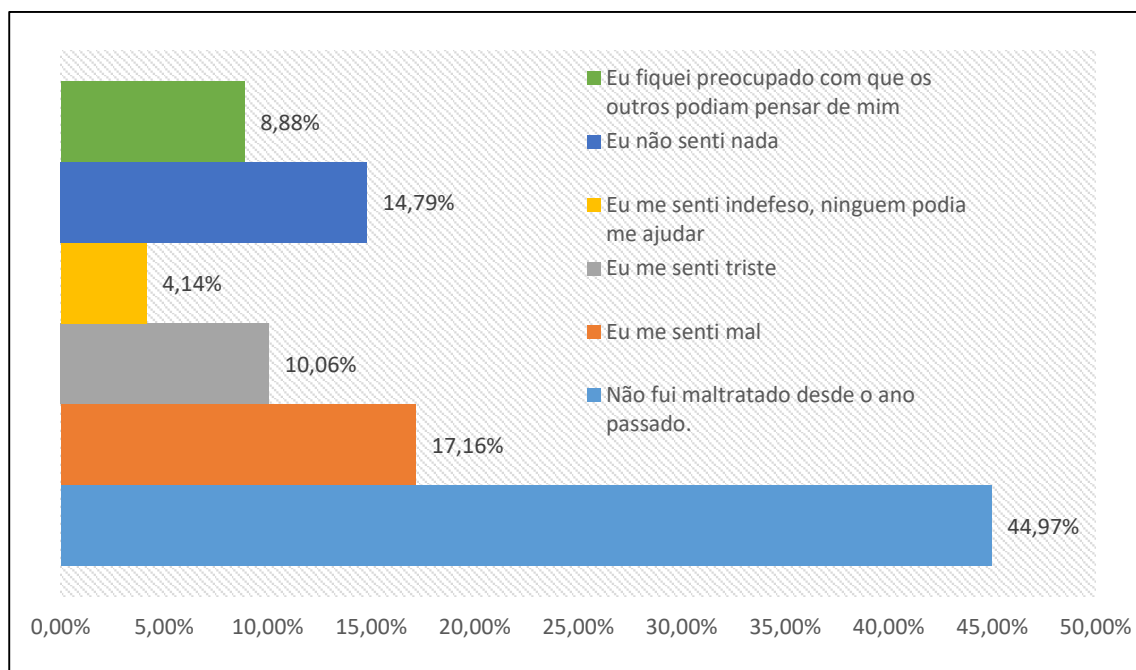


Gráfico 8. Como você se sentiu quando outros colegas o maltrataram?

Fonte: a autora.

Quanto aos possíveis traumas psíquicos oriundos da vitimação, o item “sentir-se mal” foi o de maior frequência: 17,16%. Outros aspectos negativos levantados foram “eu não senti nada”, mencionada por 14,79% dos sujeitos e a “tristeza”, por 10,06%, com uma incidência elevada. Isso se torna muito preocupante, pois esses sentimentos de tristeza e sentir-se mal podem levar o indivíduo à baixa autoestima, desmotivando-o com relação aos estudos, podendo culminar em evasão escolar. Silva (2010) caracteriza o medo de permanecer na escola como “fobia escolar”, situação que causa no estudante medo de frequentar as aulas, ocasionando repetências por falta, problemas na aprendizagem e/ou mesmo a evasão escolar.

Além dessas perdas sofridas pelas vítimas, podem ocorrer vários sintomas e síndromes diversas originárias dessas agressões, tais como: “... bulimia, isolamento, tentativas de suicídio, irritabilidade, agressividade, ansiedade, perda de memória, histeria, depressão, pânico, relatos de medo, resistência em ir à escola, demonstrações de tristeza, insegurança por estar na escola, mau rendimento escolar, atos deliberados de auto-agressão” (Neto, 2005, p. 169).

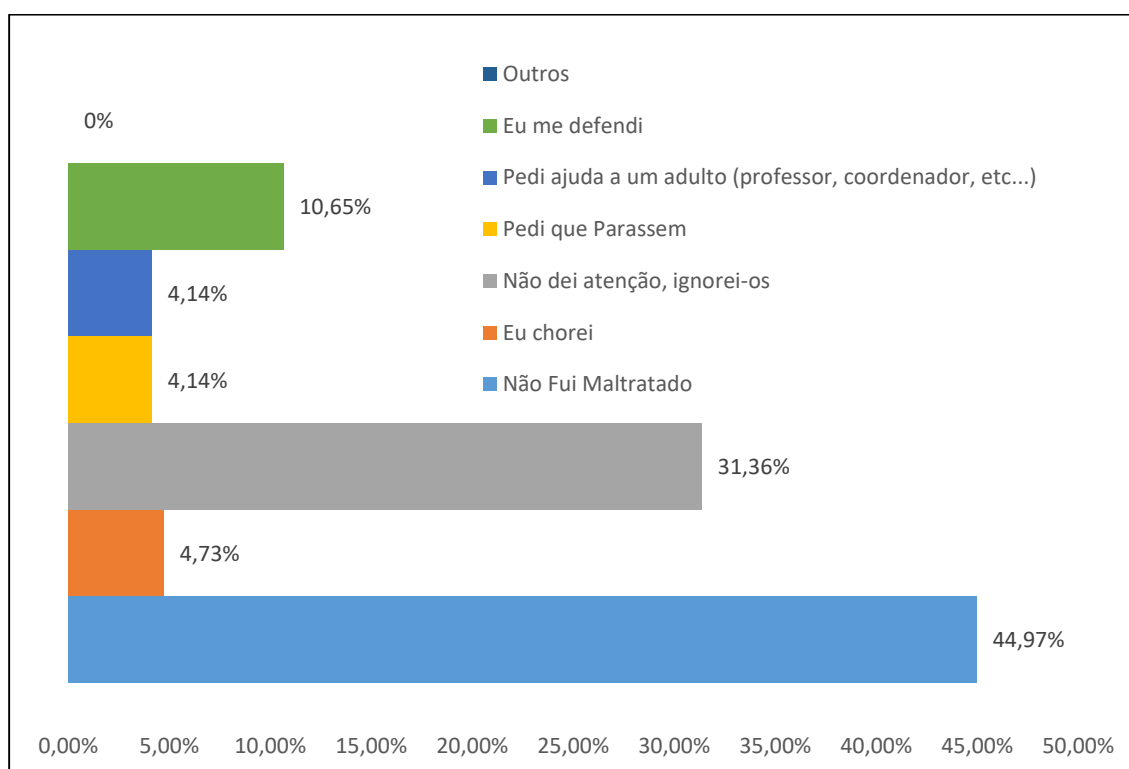


Gráfico 9. O que você fez quando foi maltratado desde o ano passado?

Fonte: a autora.

No tocante às reações ao ser maltratado, 31,36% disseram “não dei atenção, ignorei-os”, e 10,65% afirmaram “eu me defendi”. Essa autodefesa pode tornar-se um problema de elevadas proporções, porque nunca se sabe como o indivíduo, num momento de raiva e desespero, irá reagir. Existem vários relatos de casos em que, em momentos como esse, acontecerem casos graves com vítimas fatais.

Conforme exemplifica Fante, (2005) apud Santos (2010) com o comum caso ocorrido em São Paulo, quando um jovem humilde e tímido, sofrera *bullying* por onze anos. Seus colegas o importunavam por causa da sua obesidade. Ele recebeu diversos apelidos de mau gosto e tentou, sem sucesso, emagrecer. Ingeriu vinagre de maçã e, por conta disso, recebeu o apelido desprezível de “Vina-grão”. Em um trágico dia, em 27 de janeiro de 2003, ele adentrou sua ex-escola e feriu seis alunos, uma professora e um zelador, suicidando-se em seguida. Dessa forma, vingou-se e deu fim ao seu sofrimento da maneira mais trágica possível.

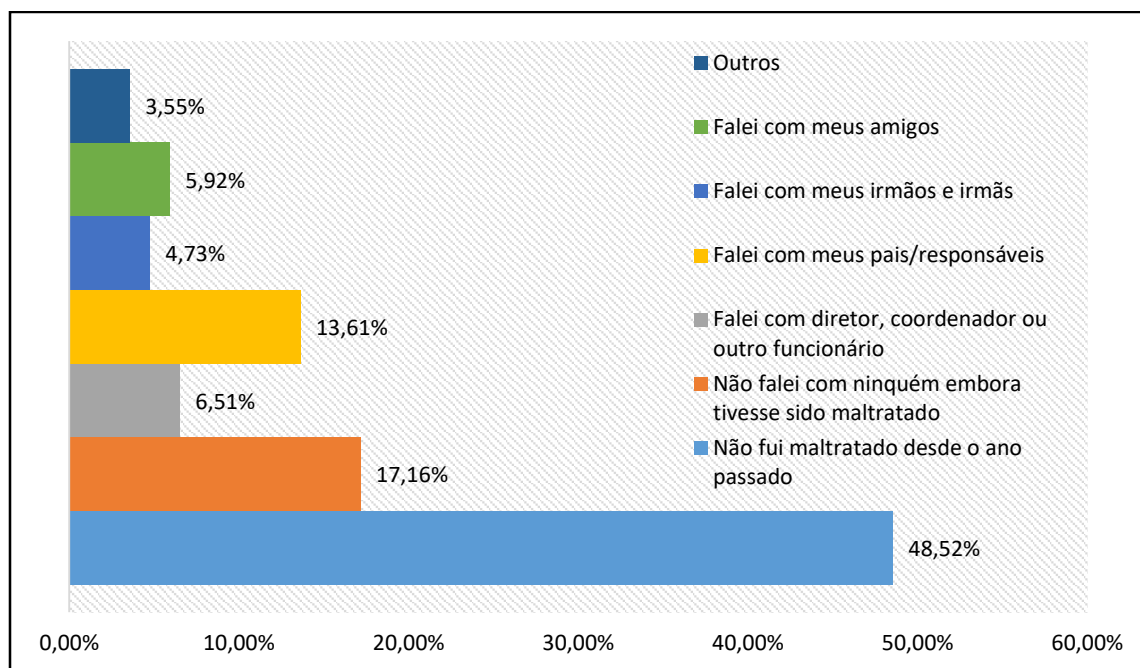


Gráfico 10. Você contou a alguém que foi maltratado desde o ano passado?
Fonte: a autora.

Com relação a ter contado para alguém o mau trato recebido, o item “não falei com ninguém embora tivesse sido maltratado” foi o mais mencionado, com 17,16%. Esse resultado corrobora a afirmação da ABRAPIA (2007) em diversos estudos de que é mantida a “lei do silêncio” em casos de *bullying* por diversos motivos. Entretanto, essa postura faz com que o problema tome proporções bem maiores.

O item “Falei com meus pais/responsáveis” foi apontado por 13,61% dos estudantes. Esses dados são interessantes, pois mostram que é bem representativa a busca pelo auxílio familiar em momentos de dificuldades. Ademais, evidencia o quão se faz importante que os pais ou responsáveis estejam mais atentos com o dia a dia dos filhos. O item “falei com diretor, coordenador ou outro funcionário”, aparece com 6,51%, e 5,92% responderam “falei com os meus amigos”, algo tido como esperado pela facilidade de comunicação e afinidade entre os sujeitos.

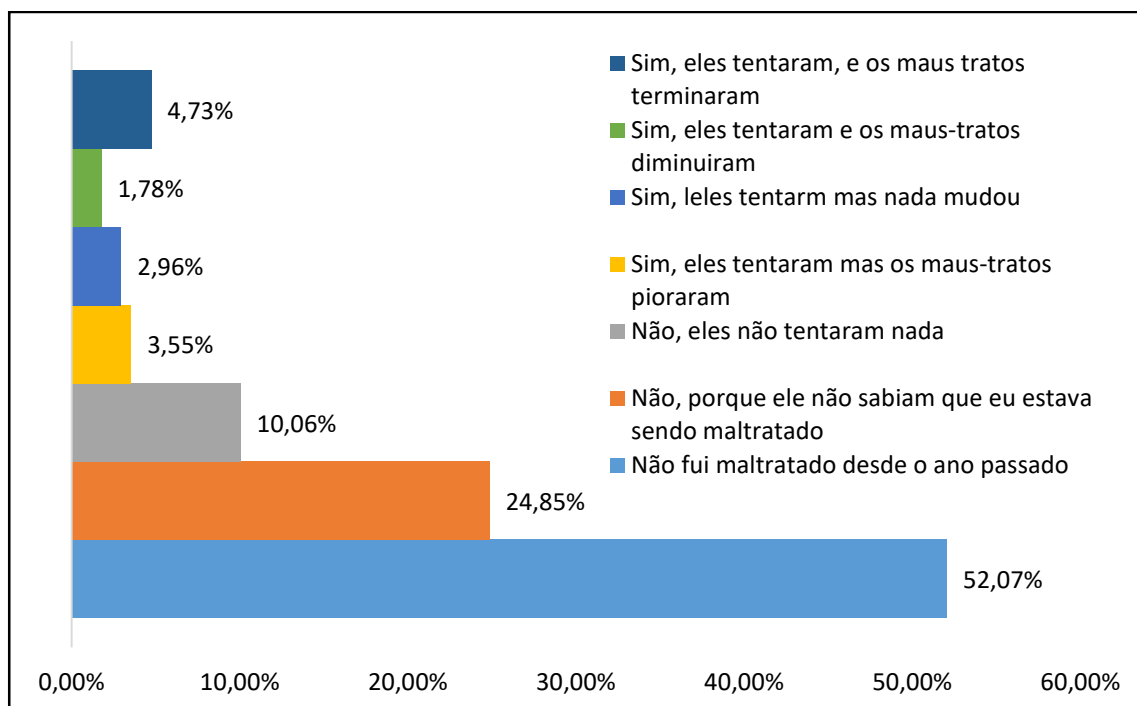


Gráfico 11. Algum dos seus professores tentou impedir que maltratassem você?

Fonte: a autora.

Em alusão à intervenção docente em casos de maus tratos na escola, 10% dos estudantes referiram que procuram ajuda do professor, mas não obtiveram êxito, demonstrando que as autoridades escolares, na maioria das vezes, são distantes e, até mesmo, indiferentes ao *bullying*. Muitos ficam sem atitude alguma frente ao problema, e nem sequer tentam solucioná-lo ou minimizá-lo.

Essa indiferença do professor traduz um pensamento em que muitos acreditam, de que o *bullying* é apenas uma brincadeira natural da idade e de que não é necessária intervenção. Tal postura faz com que as atitudes agressivas dos estudantes aumentem, deixando as vítimas impotentes ao descobrirem que seus mestres não querem ou não podem ajudá-las.

É interessante ressaltar, ainda, que 4,73% responderam que “eles tentaram e os maus tratos terminaram”. Mesmo reconhecendo que o ambiente escolar está cada dia mais violento e que a autoridade do professor está em crise, não se pode fechar os olhos ou ser indiferente, não podemos encarar o fenômeno como brincadeira ou ficarmos omissos diante dele. Temos de nos mantermos informados e atentos às leis e mobilizados juntamente com toda a comunidade escolar para que

os casos de *bullying* sejam encarados como um problema de todos e que necessita de ser debatido amplamente até que se consiga minimizar os eventos de agressões no ambiente escolar.

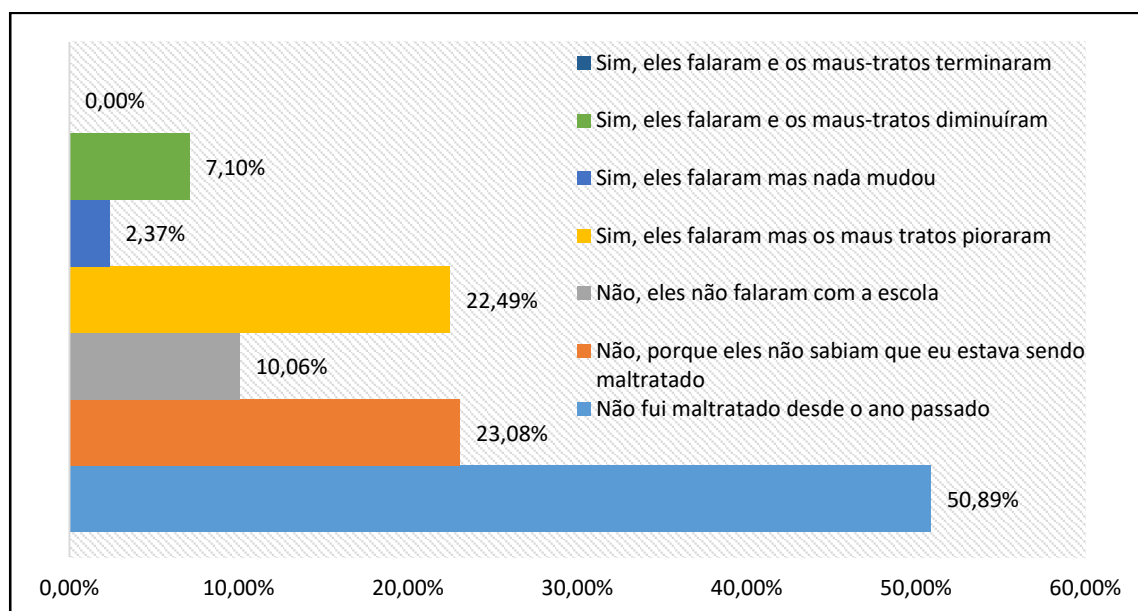


Gráfico 12. Alguém de sua família falou com seus professores para que parassem de maltratar?

Fonte: a autora.

Quando perguntados sobre a ocorrência de diálogos entre a família e os professores no assunto de maus tratos em ambiente escolar, 23,08% dos alunos disseram que “eles não sabiam que eu estava sendo maltratado”, ratificando que a comunicação dentro da família precisa ser melhorada e a confiança restabelecida ao ponto de que qualquer situação que fuja da normalidade no ambiente escolar e cause desconforto seja compartilhada com a família. Acerca disso, Silva (2010) considera imprescindível que os pais reservem um tempo para estabelecer um relacionamento saudável com os filhos, com diálogos permanentes sobre seu “mundo”, conhecendo suas dúvidas, anseios, expectativas, enfim, tendo conhecimento das vivências diárias dos seus filhos.

Cerca de 22% dos estudantes disseram que “falaram, mas os maus tratos pioraram”. Trata-se de um dado alarmante, pois reforça, mais uma vez, a crise de

autoridade dos educadores e na capacidade de intervenção. Cerca de 10% das famílias destes estudantes preferiram nem sequer falar com a escola, seja por não acreditarem na autoridade dos professores, por serem indiferentes ao *bullying*, ou por acreditarem que sejam apenas brincadeiras de crianças e adolescentes.

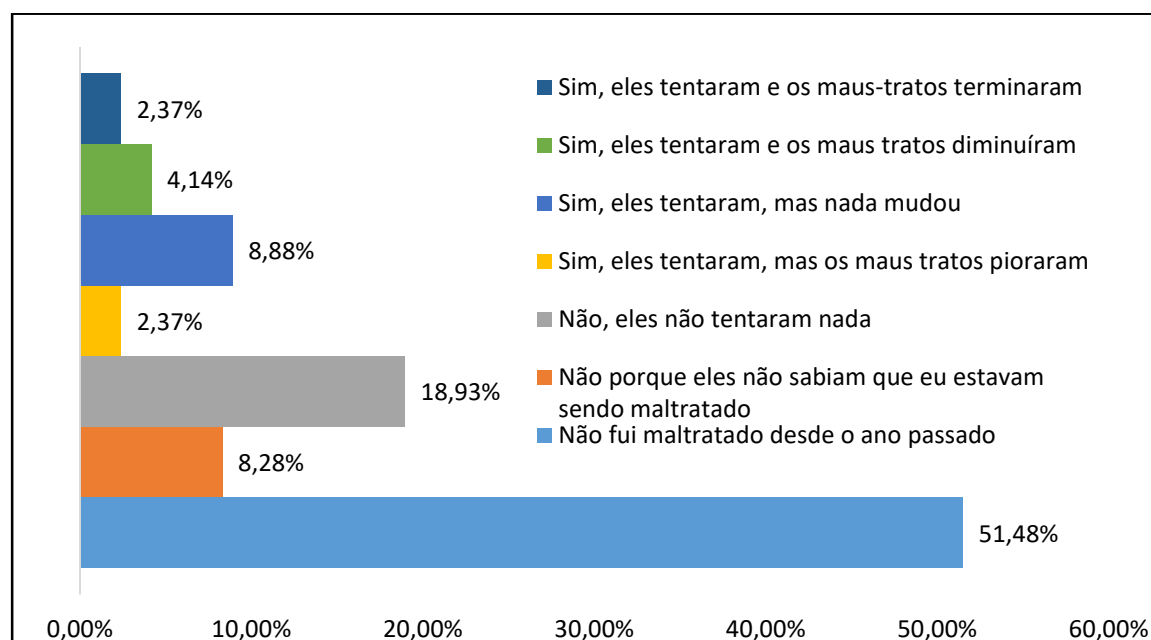


Gráfico 13. Algum dos seus colegas tentou impedir que o maltratassem?

Fonte: a autora.

Sobre possíveis intervenções de colegas diante de situações de *bullying*, o item “não, eles não tentaram nada” chegou a quase 19%, confirmando a afirmação de Neto (2005) de que, por medo de ser a próxima vítima, por não saber como agir e por desacreditar nas atitudes da escola, o espectador ajuda a acobertar a prevalência desses atos. O item “sim, eles tentaram, mas nada mudou” obteve 8,88% das respostas dos alunos, demonstrando que existe solidariedade entre os verdadeiros amigos, até mesmo nos momentos mais difíceis.

5.3. Sobre os maus tratos que você viu: testemunha ou espectador

Neste eixo do questionário, analisamos o que sentem, o que fazem e o que acham as testemunhas ou espectadores a respeito do *bullying*.

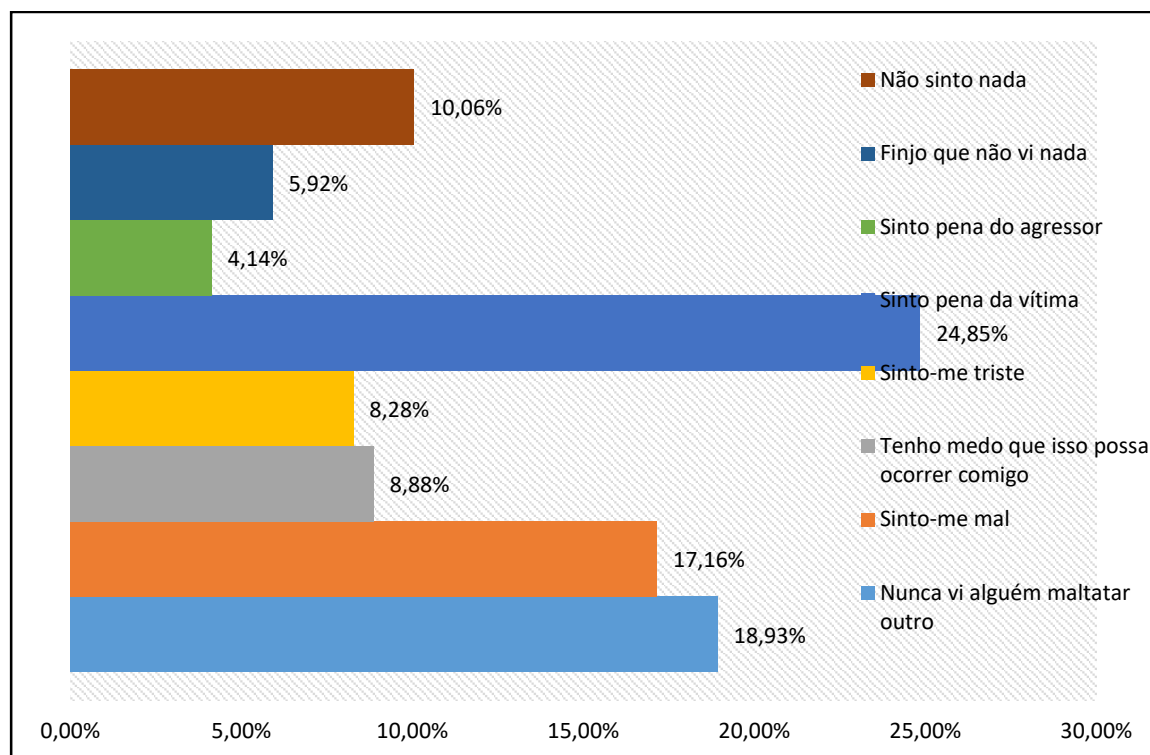


Gráfico 14. Como você se sente quando vê algum dos seus colegas maltratarem os outros?

Fonte: a autora.

Diante de situações de *bullying*, notam-se, pelas respostas, atitudes que reforçam as agressividades no ambiente escolar. Um quarto dos estudantes disseram “sinto pena da vítima” 24,85%, e “sinto-me mal” foi mencionado por 17,16% dos alunos. Esses sentimentos são característicos dos espectadores passivos. Demonstrando que sentem empatia pelas vítimas e que condenam tais atos.

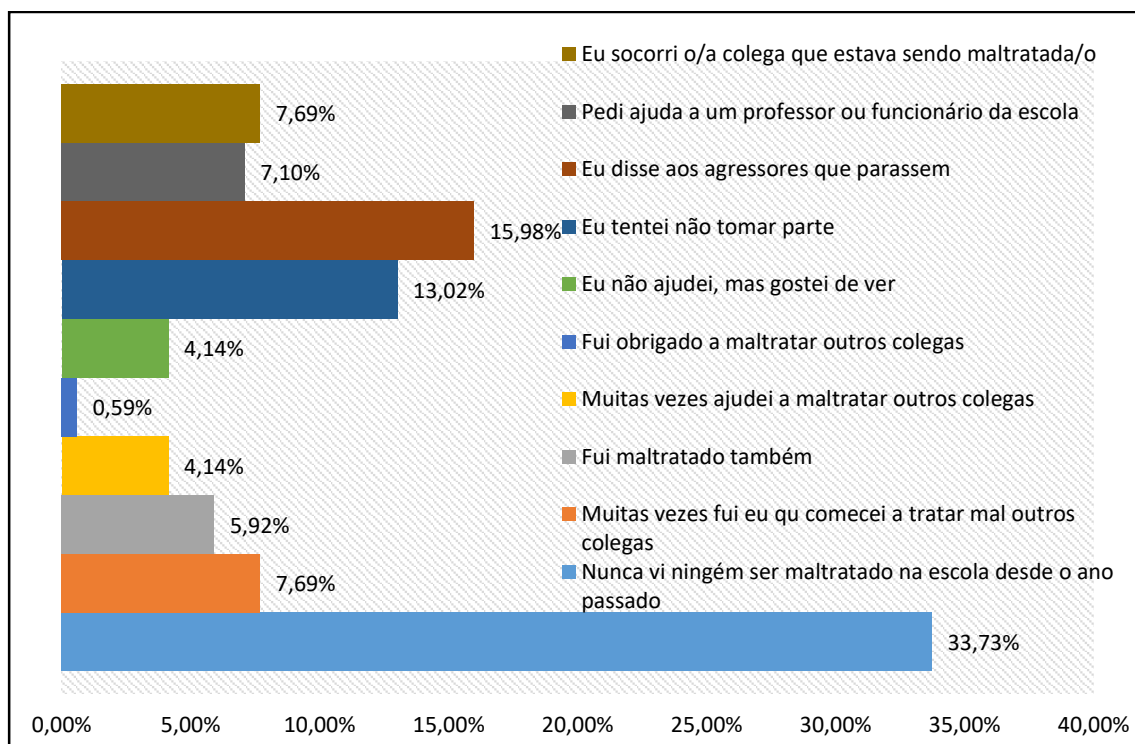


Gráfico 15. Quando você viu alguém maltratar outro colega desde o ano passado, o que você fez?

Fonte: a autora.

No gráfico sobre a atitude que tiveram ao presenciar um colega sendo maltratado no contexto escolar, 15,98% responderam “eu disse aos agressores que parassem”; e no item “eu socorri o colega que estava sendo maltratado” 7,69%; “pedi ajuda a um professor ou funcionário da escola 7,10%; Chegando a quase 31% os espectadores defensores, que são mais raros, aqueles que protegem o alvo na busca de interromper a agressão, conforme Escorel; Barros (2008, p.13); Camargo, (2009 p.34); Silva (2010, p.46) apud, Fante e Prudente (2015).

Dos estudantes inquiridos, 13,02% responderam: “Eu tentei não tomar parte”. Desse quadro, há várias inferências possíveis, uma delas é a de que pertencem ao grupo de espectadores passivos, que assumem essa postura por medo de se tornarem a próxima vítima, ou são considerados espectadores neutros, que são acometidos por uma “anestesia emocional” diante da situação presenciada. Como citado por Silva, (2010) esses estudantes assumem essa postura também por medo de se tornarem a próxima vítima. Apesar de não concordarem e até

repelirem as atitudes dos *bullies*; no entanto ficam imparciais, sem poder de intervenção em defesa das vítimas

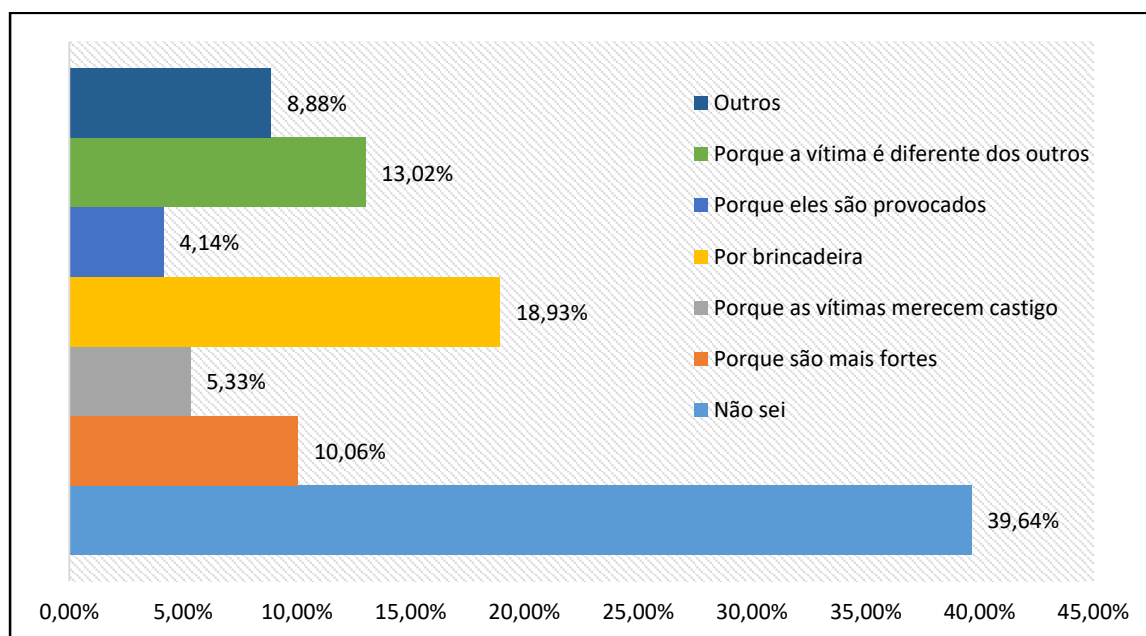


Gráfico 16. Por que você acha que alguns colegas maltratam os outros?

Fonte: a autora.

A concepção de que tudo não passa de uma “brincadeira” ainda vigora no meio estudantil, já que, 18,93% dos estudantes inquiridos confirmaram esse pensamento quando questionados sobre o motivo dos maus tratos infligidos a um colega. É necessário que levantemos essa discussão, pois, conforme Silva (2010), brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem, a situação adquire uma conotação bem diversa de um divertimento, podendo ser considerado um ato de zombaria, que causa dor e tristeza.

Também é interessante destacar que 13,02% marcaram o item “porque a vítima é diferente dos outros”. Como já afirmado por Neto (2005), a rejeição às diferenças é um fato com grande importância na ocorrência de *bullying*. No entanto, é provável que os autores escolham e utilizem possíveis diferenças como motivação para as agressões, sem que elas, efetivamente, façam a vítima acreditar ser merecedora dos maus-tratos sofridos.

5.4. Sobre maltratar outros colegas: ser agressor

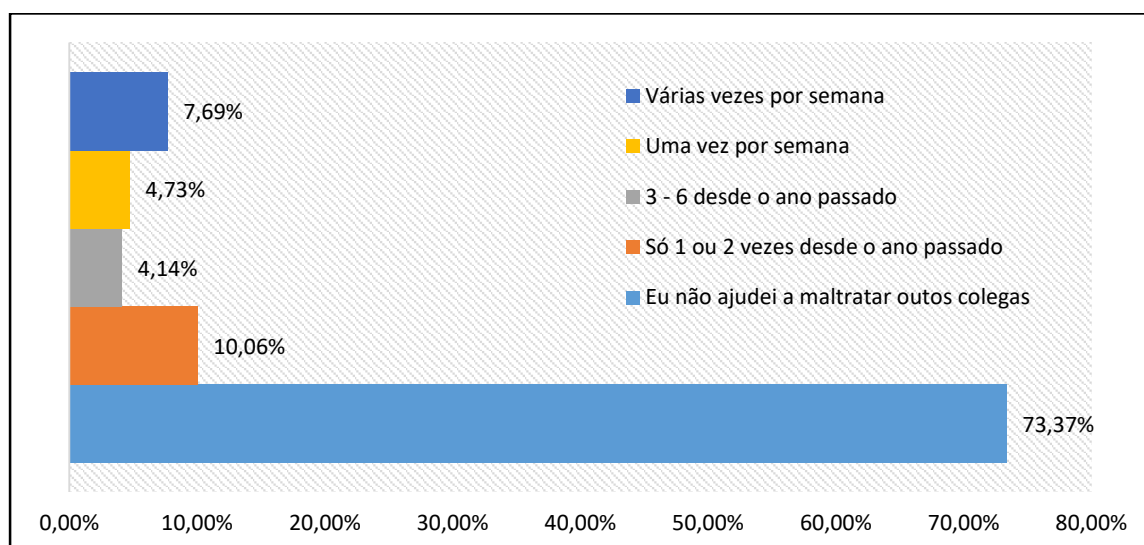


Gráfico 17. Quantas vezes você ajudou a maltratar outros colegas, desde o ano passado?

Fonte: a autora.

Dos estudantes inquiridos, 10,06% afirmaram ter colaborado em agressões uma ou duas vezes, e 7,69% dos jovens disseram que o fazem várias vezes por semana. Existem várias maneiras de justificar tal comportamento: o medo do observador em ser vítima o faz também ser agressor para conquistar a sua amizade. Além disso, o estudante pode ser coagido pelo agressor para ter atitudes agressivas, e essa conduta pode ser, também, um reflexo das agressões sofridas no lar.

Embora não haja consenso entre os especialistas, Viviane & Schartz (2005) defendem que a agressividade pode atuar subliminarmente, tendo por gênese os jogos eletrônicos violentos, os filmes e programas, saturando o indivíduo de brutalidade e influenciando-o a ter atitudes violentas. Ademais, ele pode ter ajudado na agressão por se comprazer em fazer o mal.

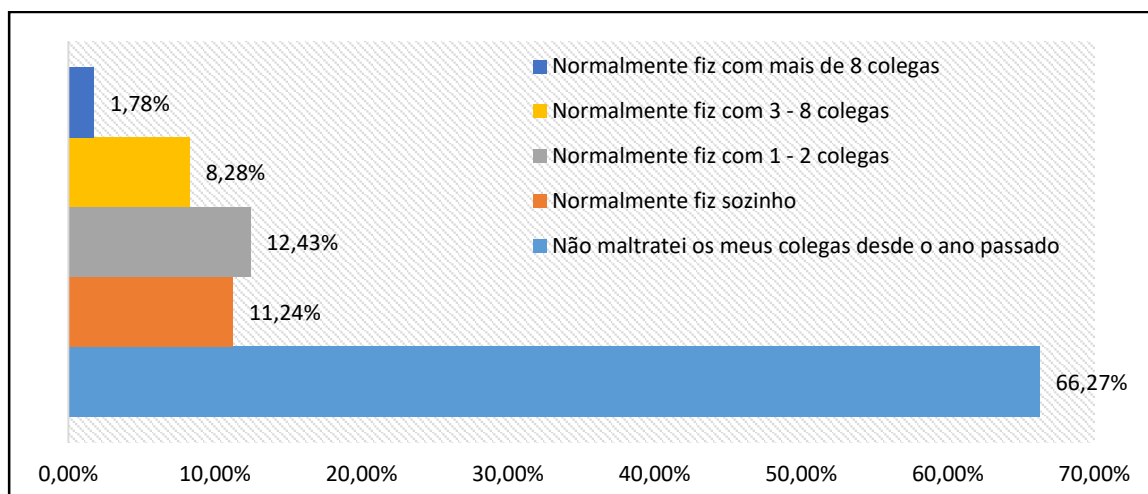


Gráfico 18. Quando maltratou outros colegas, normalmente você fez sozinho ou acompanhado de outros colegas?

Fonte: a autora.

Do total de alunos participantes da pesquisa, 12,43% afirmaram que infligiram maus tratos a um estudante com o auxílio de 1 ou 2 colegas. Outros 11,24% afirmaram “normalmente fiz sozinho”, 8,28% mencionaram “normalmente fiz com 3 a 8 colegas”, e apenas 1,78% praticou o ato acompanhado de mais de 8 colegas. Percebe-se que o maior percentual dos estudantes cometeu o *bullying* acompanhados de um ou mais colegas, o que representou um valor superior a 20% do total.

Silva (2010) confirma essa tendência ao ponderar que o agressor pode agir tanto sozinho quanto em grupo. Quando ele age acompanhado, seu poder de opressão ganha reforço em escala exponencial, o que amplia ainda mais o seu território de ação e a sua capacidade de produzir outras vítimas.

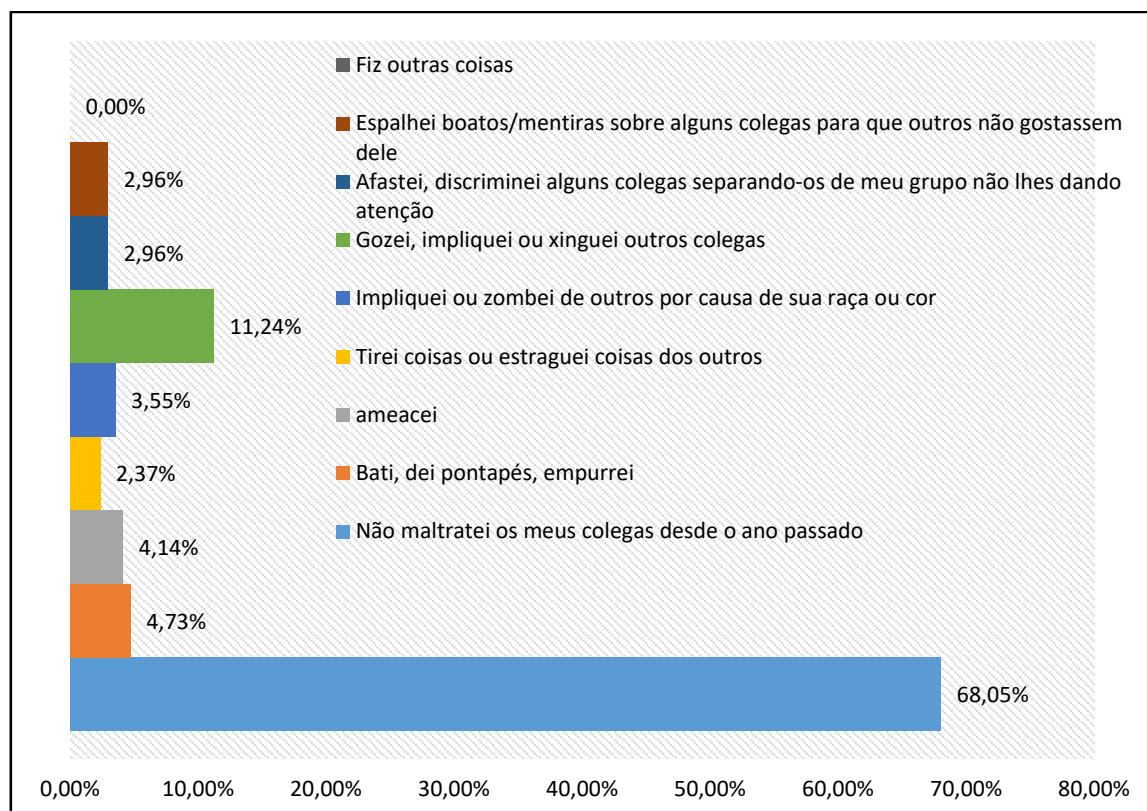


Gráfico 19. Você maltratou outro colega de alguma das formas, desde o ano passado?

Fonte: a autora.

É interessante ressaltar que mais de 30% dos estudantes afirmaram ter maltratado o colega de alguma forma. A maior incidência de agressão cometida é o *bullying* psicológico, em que 11,24% dos estudantes responderam “gozei, impliquei ou xinguei outros colegas”. Ainda nesse sentido, 4,73% responderam “ameacei”, também agindo sobre o psicológico das vítimas.

“Bati, dei ponta pés, empurrei” representou também 4,73% dos que praticaram o *bullying* físico contra o colega. Como já mencionado por Ventura e Fante (2013), os agressores apresentam um grau de personalidade forte. Têm padrão de reação agressivo combinado com a força física, e atitudes mais positivas relativamente à violência. São impulsivos, têm grande necessidade de dominar os outros, e possuem maior propensão do que os não agressores para se tornarem delinquentes e criminosos.

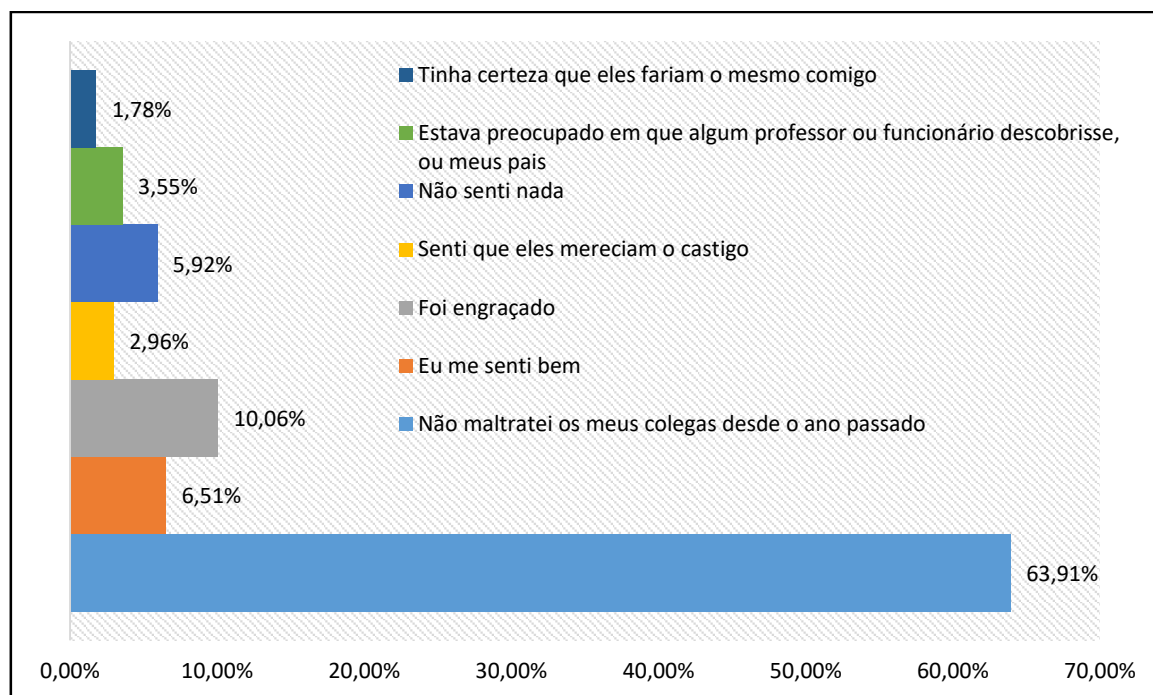


Gráfico 20. O que você sentiu quando maltratou outros colegas na escola, desde o ano passado?

Fonte: a autora.

Dos estudantes participantes da pesquisa, 10,06% acharam “engraçado” ver o outro (a) ser vitimizado (a). Isso demonstra que muitos dos jovens que comentem o *bullying*, o faz de forma lúdica, associando-o a uma brincadeira. Ainda, 6,51% alegaram “eu não senti nada”, levando-nos a refletir o quanto a sociedade em que vivemos tornou os seres humanos insensíveis, materialistas, egoístas e sem empatia pelo próximo. E o dado mais preocupante foi o fato de 6,51% dos estudantes expressarem um sentimento perverso ao responderem: “eu me senti bem” diante de situações de *bullying* contra colegas.

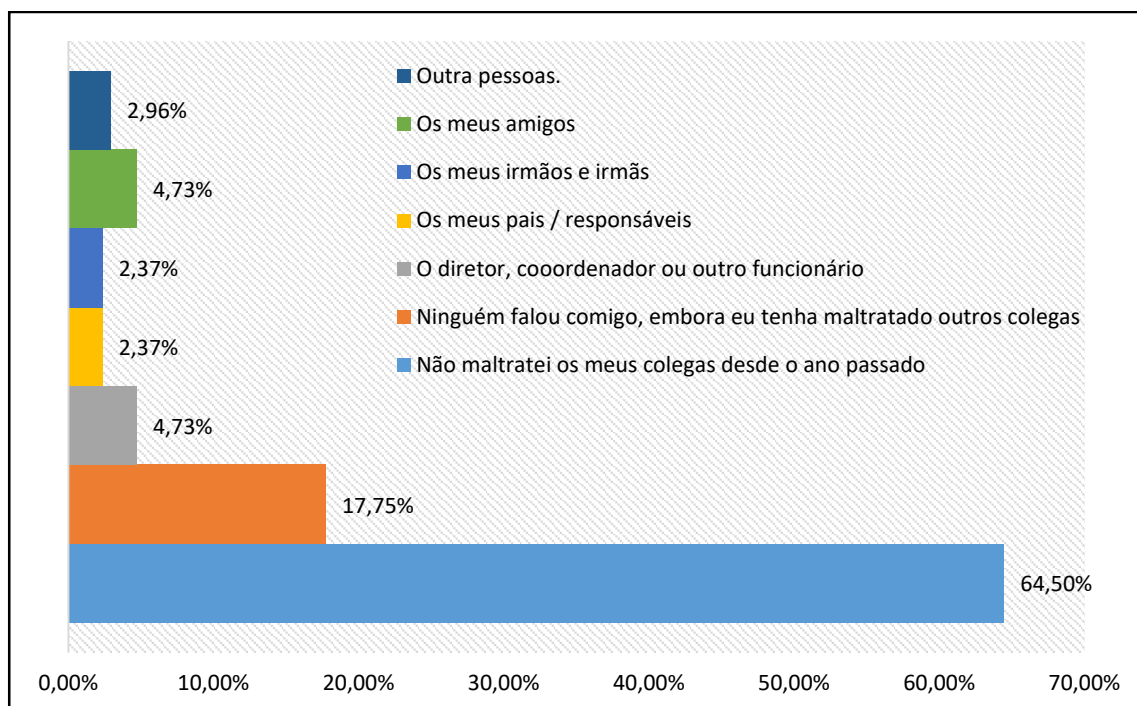


Gráfico 21. Alguém falou com você dos maus tratos que fez a outros na escola, desde o ano passado?

Fonte: a autora.

Desse gráfico, é importante destacar que 17,75% dos estudantes que praticaram *bullying* disseram que não foram advertidos por nenhum profissional sobre seu comportamento: “ninguém, falou comigo, embora tenha maltratado outros colegas”. De acordo com Silva (2010), isso reflete a indiferença no ambiente escolar e o equivocado pensamento de que se trata apenas de “brincadeiras próprias da idade”.

5.5 *Cyberbullying*: violência virtual

O *cyberbullying*, como discutido anteriormente nesta dissertação, é um fenômeno recente. Souza et al. (2014) afirmam que as investigações sobre esse tema ainda se encontram numa fase embrionária, por se tratar de um fato bem mais novo do que o *bullying* tradicional. Entretanto, enfatizam que essa modalidade tende a aumentar devido ao crescente uso dos aparelhos móveis.

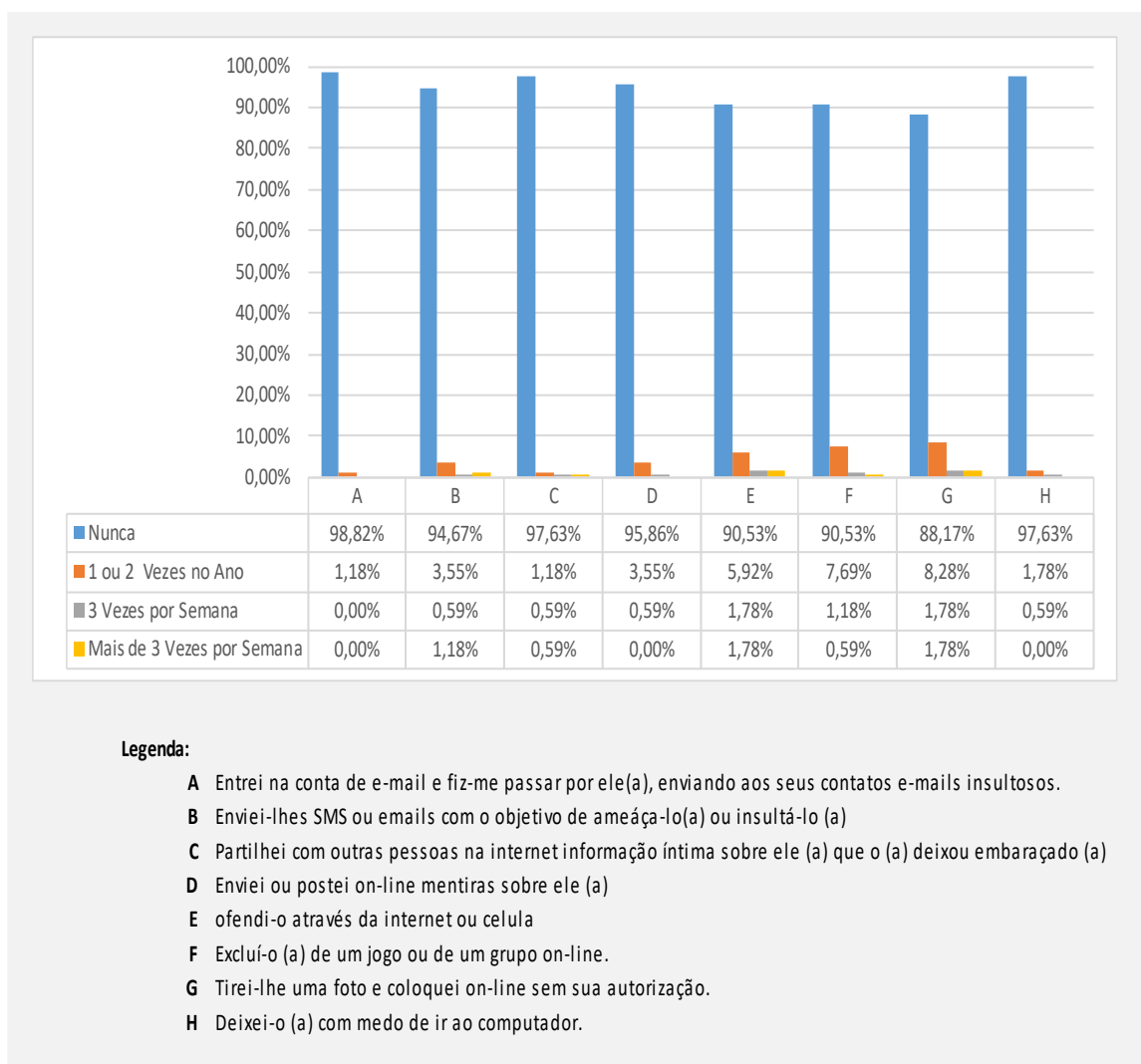


Gráfico 22. Você já teve alguma atitude ou comportamento acima referido para com alguma pessoa?

Fonte: a autora.

A maioria dos estudantes inquiridos respondeu a todas as perguntas com o maior percentual (acima de 90%) de “nunca” terem praticado as formas de violência virtual expostas no questionário consideradas *cyberbullying*. O item de maior incidência foi mencionado por 8,28% dos estudantes, que relataram “tirei-lhe uma foto e coloquei *on-line* sem sua autorização” entre 1 e 2 vezes no ano.

Atestamos que existe uma baixa incidência do *cyberbullying*, que pode ser atribuída ao acesso esporádico dos alunos a ambientes virtuais, devido inclusive à condição socioeconômica dos alunos participantes da pesquisa. Por se tratar de

um instrumento moderno e atual da *internet*, essa nova modalidade de *bullying*, com os recursos da moderna tecnologia, valendo-se do anonimato, ainda não se tornou popular entre os estudantes inquiridos.

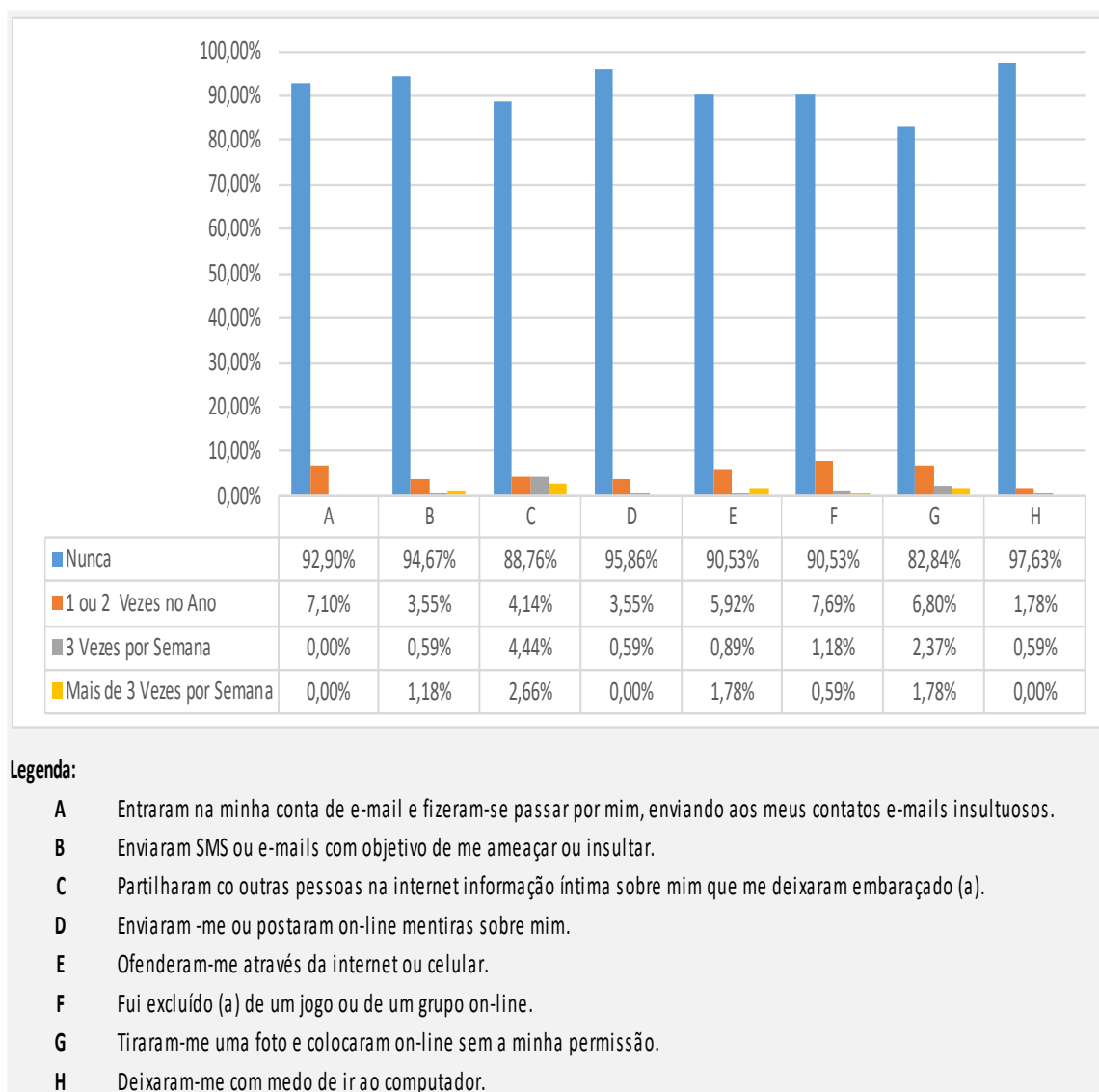


Gráfico 23. Você já se sentiu vítima das situações que acima se referem?

Fonte: a autora.

Por fim, as respostas do gráfico 23 foram muito parecidas com as respostas do gráfico anterior. A maioria dos estudantes inquiridos respondeu a todas as perguntas com o maior percentual (acima de 90%) de “nunca” terem sido vítimas das formas de violência virtual expostas no questionário, consideradas *cyberbullying*.

Confirmando assim, o pouco acesso aos meios de tecnologia e que a grande maioria não são detentoris de qualquer meio tecnológico.

Apenas o item “partilharam com outras pessoas na internet informação íntima sobre mim que me deixaram embaraçado”, com 11,24%, e o item “tiraram-me uma foto e colocaram *on-line* sem sua permissão”, com 11,16%, tiveram menção por parte dos estudantes. Isso demonstra que, assim como o *bullying* tradicional, no *cyberbullying* “mantêm-se os sentimentos negativos dos agressores, e os efeitos ainda podem ser mais nefastos para as vítimas pelo fato de desconhecem que lhes quer mal”. (Ventura e Fante, 2013, p.30).

Os gestores e professores têm o dever de alertar os educandos, o quanto é perigoso a utilização do celular e das redes sociais de formas errada sem atenção as medidas de proteção. Devem levar a sério as denúncias de *cyberbullying*, principalmente se houver suspeitas de terem sido praticadas por alguém de dentro do estabelecimento de ensino. E esse crime também deve ser denunciado às delegacias especializadas ou mesmo tradicionais, fazendo cessar as agressões desses jovens, evitando no presente, que venham a se tornar criminosos no futuro.

Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa emergiu como eixo norteador na tentativa de responder às inquietações que surgiram no percurso da minha experiência pessoal, acadêmica e profissional, na tentativa de contribuir para alertar a comunidade escolar sobre a incidência da prática do *bullying* entre os estudantes. Com isso, busca-se que se leve a sociedade a refletir sobre a importância de sua atuação na prevenção, no diagnóstico e no tratamento dos possíveis danos psicossociais em crianças e adolescentes, além da necessidade em orientar os estudantes e seus familiares para o enfrentamento da forma mais frequente de violência juvenil, o *bullying*.

Quanto à investigação produzida a partir dos objetivos específicos, reitera-se que se trata de um fenômeno bastante antigo que vem sendo estudado ao longo dos últimos anos e recebeu o nome de *bullying* na década de 1970. Pode ser definido como um comportamento negativo, composto por agressividades, em que um indivíduo ou grupo pratica contra outro indivíduo intencional e repetitivamente sem, contudo, existir nenhum motivo evidente. Há, apenas, o intuito de maltratar o próximo e, assim, afirmar-se, destacar-se e manter-se numa posição de liderança frente aos outros de seu meio de convívio.

O estudo do fenômeno *bullying* no contexto educacional das duas instituições escolares pesquisadas foi de grande relevância, pois os resultados das incidências demonstram que a prática dessa violência tem sido constante nestas escolas do município de Janaúba, no norte de Minas Gerais. Conforme constatado na pesquisa de campo, 57,99% dos estudantes que participaram da pesquisa afirmaram já terem sido vítimas do *bullying*.

Ademais, 18% declararam que os maus tratos foram prolongados por várias semanas e até por todo o ano; 40% alegaram ter desenvolvido traumas psíquicos oriundos da vitimação, causando síndromes ou sintomas diversos. Ainda de acordo com os dados obtidos, mais de 30% responderam que maltrataram o colega de forma alguma; 31,36% ignoraram os maus tratos, e 10,65% defenderam-se (das mais variadas formas).

Além disso, 17,16% não contaram a ninguém as ocorrências de maus tratos sofridos ou presenciados, 13,61% afirmam ter falado com os pais ou responsáveis; quase 6% contaram para os amigos e 10% dos estudantes que procuraram ajuda do professor não obtiveram êxito, mais de 40% mostraram-se imparciais, ou seja, são espectadores passivos, que apesar de não concordarem com o *bullying* ficam neutros, por medo de se tornarem a próxima vítima. Já a incidência do *cyberbullying*, entretanto, foi inexpressiva no público selecionado, devido o pouco acesso aos meios de tecnologia e que a grande maioria não são detentoris de qualquer meio tecnológico.

Portanto, os fenômenos *bullying/cyberbullying* existem e coexistem de fato e, em hipótese alguma, podem ser tratados como brincadeira de criança e/ou adolescente ou serem considerados algo inerente ao seu desenvolvimento infanto-juvenil.

A preocupação emerge ao perceber que as agressões ocorrem durante um longo período e podendo estender-se por até um ano sem que haja intervenção por parte dos gestores, professores ou familiares. Infere-se que essa omissão ocorra por falta de conhecimento da situação, pelo fato de serem alheios ao tema, ou ainda, por não receberem orientações e diretrizes de órgãos competentes para o enfrentamento do *bullying* no ambiente escolar.

Está claro que esse tipo de comportamento deve ser encarado pelos pais, gestores e professores, como de fato o é, um comportamento grave preocupante que pode trazer consequências para além do período acadêmico. Desse modo, necessita ser combatido de todos os ângulos que se fizerem necessários.

Urge a disseminação das informações sobre o tema para que as vítimas dessas agressões saibam tomar decisões assertivas frente aos agressores, seja no âmbito físico, seja no virtual. Para coibir os praticantes faz-se necessário que pais, gestores, professores e sociedade em geral estejam mais atentos e preparados por meio de projetos, campanhas e temas reflexivos, visando a orientar e a apoiar estudantes, desde a mais tenra idade, no respeito ao próximo e a suas diferenças físicas e culturais. Ademais, é importante que auxiliem no preparo de como lidar com situações de violência e provocações do *bullying/cyberbullying*,

principalmente por meio do fortalecimento da autoestima. Nesse sentido, é premente que não se estimule o isolamento e que se evite que as vítimas sucumbam ao ódio ou a pensamentos suicidas, que comumente ocorrem com elas em momentos de desespero.

No contexto educacional, acreditamos realmente ser necessário identificar quem são os agressores, normalmente, são sujeitos imersos em circunstâncias adversas, como desestrutura familiar, doenças graves na família, pais com alto grau de permissividade e etc., nesse sentido, é importante que sejam criados projetos dentro da escola para inclusão e recuperação, de modo que, ao invés de serem excluídos, sejam transmutados em agentes que irão lutar contra a violência. Na realidade, os agressores são vítimas de si mesmos e precisam de ajuda.

No Estado Minas Gerais, no ano vigente, a SEE (Secretaria de Estado de Educação) instituiu o Programa de Convivência Democrática, para que cada comunidade escolar se reúna e crie o seu próprio “Plano de Convivência Democrática no Ambiente Escolar”, que têm por objetivo apresentar estratégias para a prevenção e o enfrentamento das violências no espaço escolar, sugerindo ações efetivas para promover o respeito e o reconhecimento das diferenças e diversidades, considerando e respaldando a dignidade da pessoa humana.

Revela-se fundamental deixar aqui o alerta aos pais, gestores, professores e alunos de que é preciso buscar, cada vez mais, alargar os conhecimentos a respeito desses fenômenos para preveni-lo e combatê-lo de forma eficaz. É importante, pois, fazer cumprir a Lei nº.13.185, de 06 de novembro de 2015, instituída pela então Presidenta da República Dilma Rousseff, que dispõe sobre “o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*)”, em vigor e de abrangência nacional.

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no **caput** do art. 1º:

- I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (***bullying***) em toda a sociedade;
- II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
- IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
- V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;

VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;

IX - Promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (**bullying**), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (**bullying**).

Ademais, que sejam colocadas em prática as sanções já previstas no PPP (Projeto Político Pedagógico) e no Regimento Escolar dos estabelecimentos de ensino, em conformidade com o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que vão desde advertência escrita pelo professor e pelo serviço pedagógico, convocando os pais à escola, até o encaminhamento do aluno ao Conselho Tutelar e/ou Ministério Público.

Somente com tais atitudes alcançaremos uma cultura de paz nos espaços de ensino e aprendizagem e estaremos cumprindo a missão da escola que é de educar, conscientizar, despertar o interesse e o senso crítico do aluno tendo em vista, seu engrandecimento como ser humano, garantindo uma educação de qualidade e preparando para o exercício da cidadania, fazendo com que sejam prazerosos e saudáveis a convivência sócio-cultural para os adolescentes e jovens no momento mais importante de suas vidas, que é o momento de aprender a ser protagonista do seu aprendizado e do seu futuro.

Referências

- ABRAPIA (2007). *Programas de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes*. Recuperado de: <http://www.bullying.com.br/BPrograma11.htm>.
- Alves, M.G. (2016). Viver na escola: indisciplina, a violência e *bullying* como desafio educacional. *Cadernos de Pesquisa*, v.46, 594-613. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742016000300594&script=sci_abstract&tlng=pt
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T., & Jager, T. (2009). *Cyberbullying: Um Desafio À Investigação e à Formação*. *Revista Interações*, n.13, 301-326. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.15/360>
- Amaral, B. P. (2015). *Revista Educação no Mundo*. 1(222). Recuperado de <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/222/o-metodo-nordico-364943-1.asp>
- Brasil. Lei Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*). *Diário Oficial da União*, Brasília, 6 nov. 2015. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm
- Campos, M. (2009). *O Cyberbullying. Natureza e Ocorrência em Contexto Português*. (Dissertação de Mestrado). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. Recuperado de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1884>
- Carvalhosa, S. F., Lima, L. & Matos, M. G. (2001). *Bullying: a Provocação/Vitimação Entre Pares no Contexto Escolar Português*. *Análise Psicológica*, v.19 n.4, 523-537, Lisboa. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v19n4/v19n4a04.pdf>
- Costa, P. & Pereira, B. (2010). O *bullying* na escola: A prevalência e o sucesso escolar. In L. Almeida, B. Silva e S. Caires (Orgs.) *Actas do I Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contexto Educativo"*. CIEd - Centro de Investigação em Educação. Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho. 1810-1821. ISBN: 978-972-8746-87-2
- Fante, C., & Prudente, N. M. (2015). *Bullying em debate*. São Paulo: Paulinas.
- Ferreira, M.I.M. (2013). *Os Jovens, a Escola e o Cyberbullying* (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação, Portugal. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.11/2167>
- Gonçales, C., Pimentel, G.G., & Pereira, B. (2014). Escárnio de corpos, *Cyberbullying* e corrupção do lúdico. *Revista Movimento*, Porto Alegre, 20(3), 1-24. Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/40735/31586>

- IBGE (2017) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Diretoria de pesquisas. Janaúba. Recuperado de: <https://cidades.ibge.gov.br/>
- Lobino, M. G. F. (2010) *A Gestão democrática como ponto de partida na formação de Ecoeducadores*. Tese (Doutorado em Ciências da Educação). Faculdade de Ciências Humanísticas e da Comunicação, Universidade Autônoma de Assunção, Assunção.
- Matos, J. P., & Gomes M. J. (2012). *Cyberbullying Sobre Os Professores – Uma Realidade Escondida*. // Congresso Internacional TIC e Educação. 2178-2195. Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/21398/1/Matos-MJG.pdf>
- Monteiro, C. (2017) Revista Digital Nova Escola Gestão Escolar. Recuperado de: <https://novaescola.org.br/conteudo/7110/7-passos-para-tirar-o-bullying-do-escuro#7s8d6f87>
- Neto, A. A. L. (2005). *Bullying – comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal da Pediatria*, Porto Alegre, 81(5), S164-S172.
- OECD (2017). *PISA 2015 Results (Volume III): Students' Well-Being*, PISA, OECD Publishing, Paris
- Santomauro, B. (2010). *Cyberbullying: a violência virtual*. *Revista Digital Nova Escola*. Recuperado de <https://novaescola.org.br/conteudo/1530/cyberbullying-a-violencia-virtual>.
- Seixas, S. R. (2006). *Comportamentos de bullying entre pares. Bem-estar e ajustamento*. (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra, Portugal. Recuperado de <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/111/1/Tese.Dout.Sonia.Seixas.pdf>
- Silva, A.B.B. (2010). *Bullying: mentes perigosas na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Souza, S. B., Simão, A. M. V., & Caetano, A. P. (2014) *Cyberbullying: percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento*. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27(3), 582-590. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722014000300582&lang=pt#B10
- Tognetta, L. R. P., Bozza, T. C. L. (2013). *Cyberbullying: um estudo sobre a incidência do desrespeito no ciberespaço e suas relações com as representações que adolescentes tem de si*. Recuperado de: <http://www3.pjpp.sp.gov.br/wp-content/uploads/2013/12/53.pdf>
- Ventura, A., & Fante, C. (2013). *Bullying intimidação no ambiente Escolar e Virtual*. Belo Horizonte: Conexa.

Wendt, Guilherme Welter, & Lisboa, Carolina Saraiva de Macedo. (2013). Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do *cyberbullying*. *Psicologia Clínica*, 25(1), 73-87.

Anexo 1

Lei nº. 13.185, de 06 de novembro de 2015

LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015.

Vigência

Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**).

A PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faz saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (**Bullying**) em todo o território nacional.

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 2º O Programa instituído no **caput** poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (**bullying**) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (**cyberbullying**), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (**bullying**) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
- II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
- III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- IV - social: ignorar, isolar e excluir;
- V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
- VI - físico: socar, chutar, bater;
- VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;

VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no **caput** do art. 1º:

I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (**bullying**) em toda a sociedade;

II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;

VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;

IX - Promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (**bullying**), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (**bullying**).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (**bullying**) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Art. 7º Os entes federados poderão firmar convênios e estabelecer parcerias para a implementação e a correta execução dos objetivos e diretrizes do Programa instituído por esta Lei.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor após decorridos 90 (noventa) dias da data de sua publicação oficial.

Brasília, 6 de novembro de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

DILMA ROUSSEFF

Luiz Cláudio Costa

Nilma Lino Gomes

Este texto não substitui o publicado no DOU de 9.11.2015

ANEXO 2
Lei nº. 14.651, de janeiro de 2009

LEI Nº 14.651, DE 12 DE JANEIRO DE 2009

Procedência: Dep. Joares Ponticelli
Natureza: [PL./0447.6/2007](#)
DO: 18.524, de 12/01/09
Fonte: ALESC/Coord.Documentação

Fica o Poder Executivo autorizado a instituir o Programa de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária nas escolas públicas e privadas do Estado de Santa Catarina.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA,
Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembléia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a instituir o Programa de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas e privadas, no Estado de Santa Catarina.

Parágrafo único. Entende-se por *bullying* atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotadas por um indivíduo (*bully*) ou grupo de indivíduos contra outro (s), sem motivação evidente, causando dor, angústia e sofrimento e, executadas em uma relação desigual de poder, o que possibilita a vitimização.

Art. 2º O *bullying* pode ser evidenciado através de atitudes de intimidação, humilhação e discriminação, entre as quais:

- I - insultos pessoais;
- II - apelidos pejorativos;
- III - ataques físicos;
- IV - grafitagens depreciativas;
- V - expressões ameaçadoras e preconceituosas;
- VI - isolamento social;
- VII - ameaças; e
- VIII - pilhérias.

Art. 3º O *bullying* pode ser classificado de acordo com as ações praticadas:

I - verbal: apelidar, xingar, insultar;

II - moral: difamar, disseminar rumores, caluniar;

III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;

IV - psicológico: ignorar, excluir, perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, tyrannizar, chantagear e manipular;

V - material: destroçar, estragar, furtar, roubar os pertences;

VI - físico: empurrar, socar, chutar, beliscar, bater; e

VII - virtual: divulgar imagens, criar comunidades, enviar mensagens, invadir a privacidade.

Art. 4º Para a implementação deste Programa, a unidade escolar criará uma equipe multidisciplinar, com a participação de docentes, alunos, pais e voluntários, para a promoção de atividades didáticas, informativas, de orientação e prevenção.

Art. 5º São objetivos do Programa:

I - prevenir e combater a prática de *bullying* nas escolas;

II - capacitar docentes e equipe pedagógica para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - incluir, no Regimento Escolar, após ampla discussão no Conselho de Escola, regras normativas contra o *bullying*;

IV - esclarecer sobre os aspectos éticos e legais que envolvem o *bullying*;

V - observar, analisar e identificar eventuais praticantes e vítimas de *bullying* nas escolas;

VI - discernir, de forma clara e objetiva, o que é brincadeira e o que é *bullying*;

VII - desenvolver campanhas educativas, informativas e de conscientização com a utilização de cartazes e de recursos de áudio e áudio-visual;

VIII - valorizar as individualidades, canalizando as diferenças para a melhoria da auto-estima dos estudantes;

IX - integrar a comunidade, as organizações da sociedade e os meios de comunicação nas ações multidisciplinares de combate ao *bullying*;

X - coibir atos de agressão, discriminação, humilhação e qualquer outro comportamento de intimidação, constrangimento ou violência;

XI - realizar debates e reflexões a respeito do assunto, com ensinamentos que visem a convivência harmônica na escola;

XII - promover um ambiente escolar seguro e sadio, incentivando a tolerância e o respeito mútuo;

XIII - propor dinâmicas de integração entre alunos e professores;

XIV - estimular a amizade, a tolerância, o respeito às diferenças individuais, a solidariedade, a cooperação e o companheirismo no ambiente escolar;

XV - orientar pais e familiares sobre como proceder diante da prática de *bullying*; e

XVI - auxiliar vítimas e agressores.

Art. 6º Compete à unidade escolar aprovar um plano de ações para a implantação das medidas previstas no Programa e integrá-lo ao Projeto Político Pedagógico.

Art. 7º Fica autorizada a realização de convênios e parcerias para a garantia do cumprimento dos objetivos do Programa.

Art. 8º A escola poderá encaminhar vítimas e agressores aos serviços de assistência médica, social, psicológica e jurídica, que poderão ser oferecidos por meio de parcerias e convênios.

Art. 9º O Poder Executivo regulamentará esta Lei no prazo de noventa dias a contar da data de sua publicação.

Art. 10. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Florianópolis, 12 de janeiro de 2009

LUIZ HENRIQUE DA SILVEIRA
Governador do Estado

Anexo 3
Questionário para estudo dos fenômenos *bullying/cyberbullying*

Caro estudante,
Sou aluna do Curso de Ciências da Educação da Universidade de Aveiro/Portugal.

Estou realizando uma pesquisa sobre *bullying/cyberbullying* e gostaria muito que você me ajudasse, respondendo com sinceridade as questões abaixo.
Você não será identificado. Obrigada.

Identificação do gênero

1) Sexo:

- a. ☐ masculino
- b. ☐ feminino

2). Quantos bons amigos você tem na sua turma? (Marque apenas uma resposta)

- a ☐ Nenhum
- b ☐ um bom amigo
- c ☐ 2 ou 3 bons amigos
- d ☐ 4 ou 5 bons amigos
- e ☐ mais de 5 bons amigos

Sobre ser maltratado por outro aluno

3). Com que frequência você tem sido maltratado? (Marque apenas uma resposta)

- a. ☐ Não fui maltratado desde o ano passado
- b. ☐ Só 1 ou 2 vezes
- c. ☐ De 3 a 6 vezes
- d. ☐ Uma vez por semana
- e. ☐ Várias vezes por semana

4). De que maneira você tem sido maltratado desde o ano passado? (Marque uma ou mais respostas)

- a. ☐ Não fui maltratado a desde o ano passado.
- b. ☐ Deram -me socos, pontapé e fui empurrado.
- c. ☐ Fui ameaçado.
- d. ☐ Tiraram-me dinheiro ou outras coisas ou estragaram minhas coisas.

- e. () Xingaram-me e insultaram-me por causa da minha cor ou raça.
- f. () Xingaram-me, insultaram-me ou riram de mim enquanto eu jogava ou quando queria jogar.
- g. () Esconderam minhas coisas de propósito, não me deixaram fazer parte do seu grupo de amigos ou me ignoraram completamente.
- h. () Contaram mentiras ou espalharam boatos a meu respeito, e/ou tentaram fazer com que os outros não gostassem de mim.
- i. () Não me deixaram fazer parte do time.
- j. Outras formas. Diga como: _____

5). Por quanto tempo duraram os maus tratos? (Marque apenas uma resposta)

- a. () Não fui maltratado desde o ano passado
- b. () Duraram uma semana
- c. () Duraram várias semanas
- d. () Têm-se mantido durante todo este ano
- e. () Têm-se mantido há vários anos

6). Você costuma ser maltratado por um ou por vários colegas? (Marque apenas uma resposta)

- a. () Não fui maltratado desde o ano passado
- b. () Principalmente por 1 colega
- c. () Por 2 - 3 colegas
- d. () Por 4 - 9 colegas
- e. () Por mais de 9 colegas
- f. () Não posso dizer quantos

7). Você costuma ser maltratado por meninos ou por meninas? (Marque apenas uma resposta)

- a. () Não fui maltratado desde o ano passado
- b. () Só por meninos
- c. () Principalmente por meninos
- d. () Tanto por meninos como por meninas
- e. () Principalmente por meninas
- f. () Só meninas

8) Como você se sentiu quando outros colegas o maltrataram desde o ano passado? (Marque uma ou mais resposta)

- a. () Não fui maltratado desde o ano passado
- b. () Eu me senti mal
- c. () Eu me senti triste

- d. () Eu me senti indefeso, ninguém podia me ajudar
- e. () Eu não senti nada
- f. () Eu fiquei preocupado com o que os outros podiam pensar de mim

9) O que você fez quando foi maltratado desde o ano passado? (Marque uma ou mais respostas)

- a. () Não fui maltratado desde o ano passado
 - b. () Eu chorei
 - c. () Não dei atenção, ignorei-os
 - d. () Pedi que parassem
 - e. () Pedi ajuda a um adulto (professor, coordenador, etc...)
 - f. () Eu me defendi
 - g. () Outros: Por favor diga como:
-

10) Você contou a alguém que foi maltratado desde o ano passado? (Marque uma ou mais respostas)

- a. () Não fui maltratado desde o ano passado
 - b. () Não falei com ninguém embora tivesse sido maltratado
 - c. () Falei com o diretor, coordenador ou outro funcionário
 - d. () Falei com meus pais / responsáveis
 - e. () Falei com meus irmãos ou irmãs
 - f. () Falei com meus amigos
 - g. () Outros. Por favor, diga com quem:
-

11) Algum dos seus professores tentou impedir que maltratassem você desde o ano passado? (Marque apenas uma resposta)

- a. () Não fui maltratado desde o ano passado
- b. () Não, porque eles não sabiam que eu estava sendo maltratado
- c. () Não, eles não tentaram nada
- d. () Sim, eles tentaram, mas os maus-tratos pioraram
- e. () Sim, eles tentaram, mas nada mudou
- f. () Sim, eles tentaram, e os maus-tratos diminuíram
- g. () Sim, eles tentaram, e os maus-tratos terminaram

12) Alguém da sua família falou com seus professores para que parassem de maltratar você desde o ano passado? (Marque apenas uma resposta)

- a. () Não fui maltratado desde o ano passado
- b. () Não, porque eles não sabiam que eu estava sendo maltratado
- c. () Não, eles não falaram com a escola

- d. () Sim, eles falaram, mas os maus-tratos pioraram
- e. () Sim, eles falaram, mas nada mudou
- f. () Sim, eles falaram e os maus-tratos diminuíram
- g. () Sim, eles falaram e os maus-tratos terminaram

13) Algum dos seus colegas tentou impedir que o maltratassem desde o ano passado? (Marque apenas uma resposta)

- a. () Não fui maltratado desde o ano passado
- b. () Não, porque eles não sabiam que eu estava sendo maltratado
- c. () Não, eles não tentaram nada
- d. () Sim, eles tentaram, mas os maus-tratos pioraram
- e. () Sim, eles tentaram, mas nada mudou
- f. () Sim, eles tentaram e os maus-tratos diminuíram
- g. () Sim, eles tentaram e os maus-tratos terminaram

Sobre os maus tratos que você viu

14) Como você se sente quando vê algum dos seus colegas maltratarem os outros? (Marque uma ou mais respostas)

- a. () Nunca vi alguém maltratar outro
- b. () Sinto-me mal
- c. () Tenho medo que isso possa ocorrer comigo
- d. () Sinto-me triste
- e. () Sinto pena da vítima
- f. () Sinto pena do agressor
- g. () Finjo que não vi nada
- h. () Não sinto nada
- i. () Sinto-me bem

15). Quando você viu alguém maltratar outro colega desde o ano passado, o que você fez? (Marque uma ou mais respostas)

- a. () Nunca vi ninguém ser maltratado na escola desde o ano passado
- b. () Muitas vezes fui eu que comecei a tratar mal outros colegas
- c. () Fui maltratado também
- d. () Muitas vezes ajudei a maltratar outros colegas
- e. () Fui obrigado a ajudar maltratar outros colegas
- f. () Eu não ajudei, mas gostei de ver
- g. () Eu tentei não tomar parte
- h. () Eu disse aos agressores que parassem
- i. () Pedi ajuda a um professor ou funcionário da escola
- j. () Eu socorri o/a colega que estava sendo maltratada/o

16). Por que você acha que alguns colegas maltratam outros? (Marque apenas uma resposta)

- a. ☐ Não sei
 - b. ☐ Porque são mais fortes
 - c. ☐ Porque as vítimas merecem castigo
 - d. ☐ Por brincadeira
 - e. ☐ Porque eles são provocados
 - f. ☐ Porque a vítima é diferente dos outros
 - g. ☐ Outras razões. Por favor, diga quais:
-

Sobre maltratar outros colegas

17) Quantas vezes você ajudou a maltratar outros colegas desde o ano passado? (Marque apenas uma resposta)

- a. ☐ Eu não ajudei a maltratar outros colegas
- b. ☐ Só 1 ou 2 vezes desde o ano passado
- c. ☐ 3 - 6 vezes desde o ano passado
- d. ☐ Uma vez por semana
- e. ☐ Várias vezes por semana

18). Quando maltratou outros colegas, normalmente você fez sozinho ou acompanhado de outros colegas? (Marque apenas uma resposta)

- a. ☐ Não maltratei os meus colegas desde o ano passado
- b. ☐ Normalmente fiz sozinho
- c. ☐ Normalmente fiz com 1 - 2 colegas
- d. ☐ Normalmente fiz com 3 - 8 colegas
- e. ☐ Normalmente fiz com mais de 8 colegas

19). Você maltratou outro colega de alguma das formas abaixo, desde o ano passado? (Marque uma ou mais respostas)

- a. ☐ Não maltratei os meus colegas desde o ano passado
- b. ☐ Bati, dei pontapés, empurrei
- c. ☐ Ameacei
- d. ☐ Tirei coisas ou estraguei coisas de outros
- e. ☐ Impliquei ou zombei de outros por causa da sua raça ou cor
- f. ☐ Gozei, impliquei ou xinguei outros colegas
- g. ☐ Afastei, discriminei alguns colegas separando-os de meu grupo não lhes dando atenção
- h. ☐ Espalhei boatos/mentiras sobre alguns colegas para que outros não gostassem dele

i. ☐ Fiz outras coisas. Por favor, diga o quê:

20) O que você sentiu quando maltratou outros colegas na escola desde o ano passado? (Marque uma ou mais respostas)

- a. ☐ Não maltratei os meus colegas desde o ano passado
- b. ☐ Eu me senti bem
- c. ☐ Foi engraçado
- d. ☐ Senti que eles mereciam o castigo
- e. ☐ Não senti nada
- f. ☐ Estava preocupado em que algum professor ou funcionário descobrisse, ou meus pais.
- g. ☐ Tinha certeza que eles fariam o mesmo comigo
- h. ☐ Eu me senti mal
- i. ☐ Eu senti pena da pessoa

21). Alguém falou com você dos maus tratos que fez a outros na escola, desde o ano passado? (Marque uma ou mais respostas)

- a. ☐ Não maltratei os meus colegas desde o ano passado
 - b. ☐ Ninguém falou comigo, embora eu tenha maltratado outros colegas
 - c. ☐ O diretor, coordenador ou outro funcionário
 - d. ☐ Os meus pais / responsáveis
 - e. ☐ Os meus irmãos ou irmãs
 - f. ☐ Os meus amigos
 - g. ☐ Outras pessoas. Por favor, diga com quem:
-

22. Você já **teve alguma atitude ou comportamento** dos que a seguir se referem, para com alguma pessoa. (Assinale com um X a tua resposta, para cada uma das afirmações).

	Nunca	1 ou 2 vezes no ano	3 vezes por semana	Mais de 3 vezes por semana
A. Entrei na sua conta de e-mail e fiz-me passar por ele (a), enviando aos seus contatos e-mails insultuosos.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4

B. Enviei-lhes SMS ou e-mails com o objetivo de ameaçá-lo (a) ou insultá-lo (a).	() 1	() 2	() 3	() 4
C. Partilhei com outras pessoas na internet informação íntima sobre ele (a) que o (a) deixou embaraçado (a).	() 1	() 2	() 3	() 4
D. Enviei ou postei on-line mentiras sobre ele (a).	() 1	() 2	() 3	() 4
E. Ofendi-o (a) através da internet ou celular	() 1	() 2	() 3	() 4
F. Excluí-o (a) de um jogo ou de um grupo on-line.	() 1	() 2	() 3	() 4
G. Tirei-lhe uma foto e coloquei on-line sem sua autorização.	() 1	() 2	() 3	() 4
H. Deixei-o (a) com medo de ir ao computador.	() 1	() 2	() 3	() 4

23). Você já **se sentiu vítima** das situações que a seguir se referem. (Na folha de resposta coloque o número correspondente a cada letra).

	Nunca	1 ou 2 vezes no ano	3 vezes por semana	Mais de 3 vezes por semana
A. Entraram na minha conta de e-mail e fizeram-se passar por mim, enviando aos seus contatos e-mails insultuosos.	() 1	() 2	() 3	() 4
B. Enviaram SMS ou e-mails com o objetivo de me ameaçar ou insultar.	() 1	() 2	() 3	() 4
C. Partilharam com outras pessoas na internet informação íntima sobre mim que me deixaram embaraçado (a).	() 1	() 2	() 3	() 4
D. Enviaram-me ou postaram on-line mentiras sobre mim.	() 1	() 2	() 3	() 4
E. Ofenderam-me através da internet ou celular	() 1	() 2	() 3	() 4
F. Fui excluído (a) de um jogo ou de um grupo on-line.	() 1	() 2	() 3	() 4

G. Tiraram-me uma foto e colocaram on-line sem minha autorização.	()1	()2	()3	()4
H. Deixei-o (a) com medo de ir ao computador.	()1	()2	()3	()4

Verifique, por favor, se respondeu a todas as questões.
Muito obrigado pela participação!

Campos, M. (2009). *O Cyberbullying. Natureza e Ocorrência em Contexto Português*. (Dissertação de Mestrado). ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. Recuperado de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1884>

Anexo 4
AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____

RG _____ CPF _____.

Abaixo assinado autorizo a realização da pesquisa na Escola. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre o tema da pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como a garantia da preservação do anonimato dos docentes e alunos envolvidos.

Assinatura: _____

Local e data: _____.